

INFORMATIVO SÃO VICENTE

PROVÍNCIA BRASILEIRA DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO



EDITORIAL

Vita brevis, ars longa

Recentemente estava pesquisando sobre o novo telescópio espacial da NASA, o James Weeb, uma espécie de Hubble do século XXI. Uma coisa leva à outra e os algoritmos do Google encaminharam-me para a antiga série “Cosmos”, que acabei assistindo, como que hipnotizado, por horas inteiras, seduzido pelas belíssimas imagens interestelares e também pela sabedoria do astrofísico estadunidense Carl Sagan. Esta experiência me levou a refletir sobre a relatividade do tempo e sobre como somos afetados por ele de maneira diversa. É estranho pensar que o ser vivo mais antigo do mundo, um pinheiro norte-americano apelidado de Matuzalém, têm 4800 anos, o que parece muito ante nossa limitada percepção de seres de curta existência, mas quando pensamos este tempo em relação à idade estimada do universo, os quase 5000 anos do “matuzalem arbóreo” não significam quase nada. Como seres pensantes e construtores da própria história, tendemos a nos imaginar, enquanto humanidade, o que há de mais especial no universo. Somos isso tudo mesmo? “O nitrogênio em nosso DNA, o cálcio em nossos dentes, o ferro em nosso sangue, o carbono em nossas tortas de maçã... Foram feitos no interior de estrelas em colapso, agora mortas há muito tempo. Nós somos poeira das estrelas.”, é o que afirma o agnóstico Carl Sagan, em um dos episódios da série. Somos muito menos do que achamos ser na maioria das vezes. “Lembra-te que és

pó e ao pó voltarás” (Gn 3,19). Estou tão sujeito às efemérides do tempo quanto a cadeira na qual estou sentando agora, enquanto escrevo este texto. Tratando-se da boa cadeira que é, provavelmente, ela estará aqui depois de mim. Fisicamente, não somos nada, apenas erráticos caniços pensantes.

Digo isto porque nesta edição do informativo São Vicente, prestamos homenagem aos nossos jovens noventaões, os Padres Getúlio Grossi, Célio Dell'Amore e Luiz de Oliveira Campos. Homens do agitado século XX, foram testemunhas de fatos marcantes, que a maioria de nós só ouviu falar. Viram a Segunda Guerra Mundial, o Concílio Vaticano II e o primeiro título brasileiro do Galo. Vivenciaram uma porção de mudanças no caminhar do mundo e no comportamento da sociedade. Mesmo diante de todas as mudanças, mantiveram-se firmes em seus ideais e fiéis ao carisma vicentino. Chegaram aos noventa ainda fortes e dispostos, com extensos currículos de serviços prestado à Congregação e à Igreja.

A vida é breve, mas a arte é longa, acho que essa é de Sêneca. Quando olhamos para os mais de 200 anos da Congregação da Missão no Brasil, muito devemos a estes padres que nos seus breves 90 construíram uma longa história de amor aos ideais vicentinos, servindo de exemplo para todos nós que ousamos seguir pelo mesmo caminho que eles, oxalá Deus nos permita chegar à mesma idade ainda sendo capazes de limpar as nossas próprias bundas. Mas muito mais do que isso, com um histórico de serviços prestados à Congregação tão impressionante quanto o de nossos homenageados. E hoje, se seus corpos parecem próximos de voltar ao pó, a memória de cada um deles será eterna dentro da Província Brasileira da Congregação da Missão.

Ir. Adriano Ferreira, CM

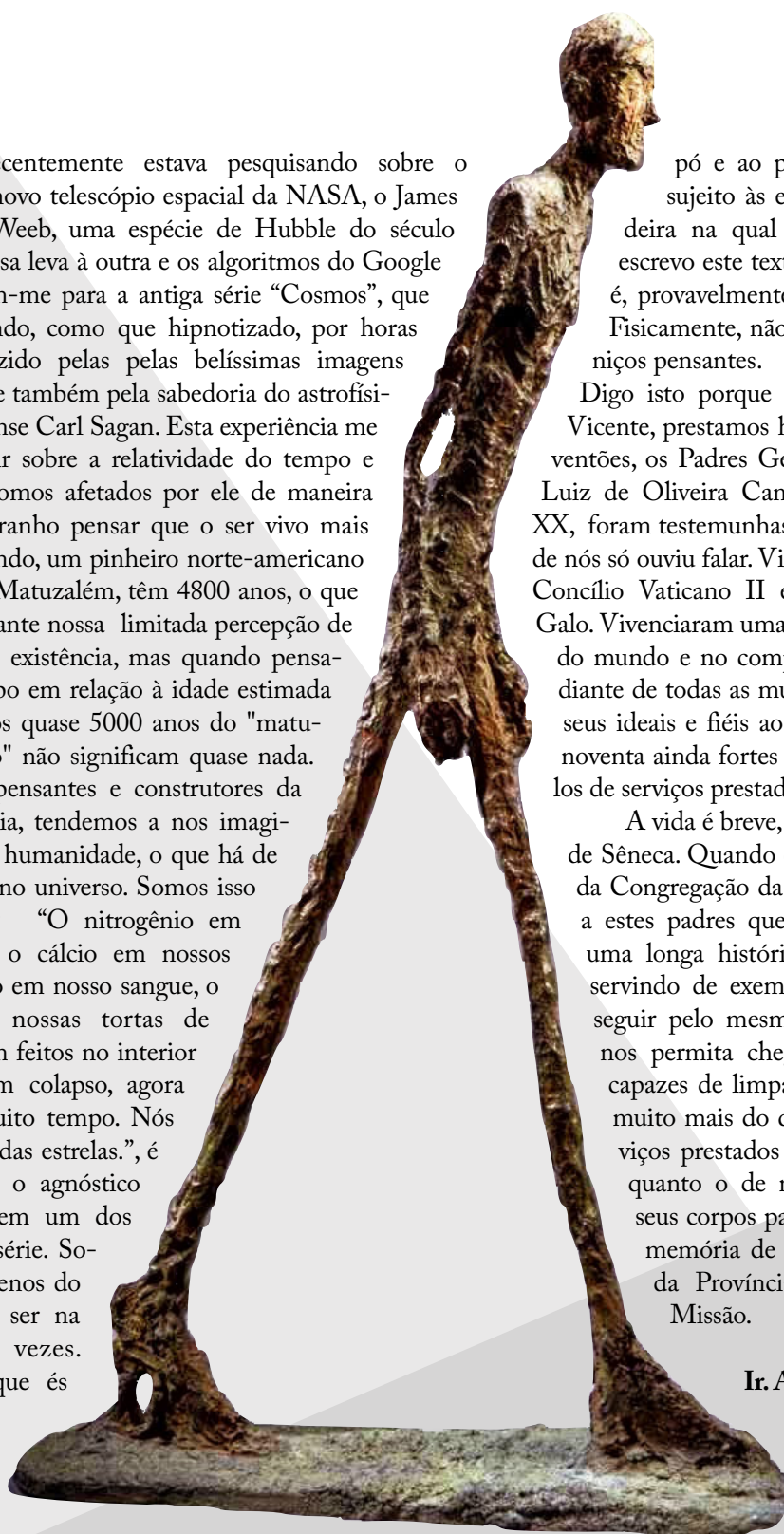


Ilustração: "O Homem que Caminha" (1960), Alberto Giacometti

SUMÁRIO



Província Brasileira da
Congregação da Missão

EXPEDIENTE

ISV N° 317

INFORMATIVO SÃO VICENTE é uma publicação trimestral da Província Brasileira da Congregação da Missão
ISSN 2596-2132

Direção Provincial 2020-2024

Visitador: Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Conselheiros: Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM | Pe. Emanuel Bedê Bertunes, CM | Ir. Adriano Ferreira Silva, CM
Pe. Gentil José Soares da Silva, CM

Redação

Editor: Ir. Adriano Ferreira Silva, CM

Jornalista Responsável: Sacha Leite MTB 30383/RJ

Colaboraram nesta edição

Alex Almeida | Pe. Alex Sandro Reis | Pe. Alexandre Nahass
Augusto Nunes | Ir. Cléber Teodósio | Pe. Denílson Matias
Pe. Eli Chaves | Pe. Ezequiel Oliveira | Jamir Evangelista
Pe. Juarez Carlos | Pe. Luiz Campos | Mariano Lopes
Ir. Túlio Medeiros

Revisão

Sacha Leite

Impressão e acabamento

Gráfica Printi

Site

pbcm.org.br/informativo

Contato da Redação

informativo@pbcm.org.br

Tel: (21) 3826-1431

Correspondência

Av. Almirante Barroso, 91 sl. 914
Centro Rio de Janeiro 20031-916

Tiragem desta edição

300 exemplares

Imagem de Capa

Sacha Leite e Matheus Orlandi Pessoa

Edição Fechada 12/01/2022

As matérias e artigos assinados são de responsabilidade de seus autores, não expressando, necessariamente, a opinião dos editores do Informativo São Vicente. Desde já, nos desculpamos por possíveis equívocos ou imprecisões que o bondoso leitor relevará e corrigirá.

Palavra do Visitador | pág. 4

Colocar-nos em processo sinodal
Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

CM Global | pág. 5

Novos ares na Igreja
Ir. Cléber Teodósio, CM

Obra em Destaque | pág. 6

Paróquia Nossa Senhora de Fátima
Pes. Juarez Carlos Soares, CM e Ezequiel Oliveira, CM
com a colaboração de Augusto Nunes e Jamir Evangelista

Artigo | pág. 10

Revitalizar a Espiritualidade Vicentina
John P. Prager, CM

Tradução e adaptação de Pe. Luiz de Oliveira Campos

Artigo II | pág. 12

Devolvam as brincadeiras!
Pe. Alex Sandro Reis, CM

Artigo III | pág. 13

Identidade Vicentina
Mariano Pereira Lopes

Memória | Página 14

Encontro de ex-seminaristas do Engenho
Alex Almeida

Cotidiano Provincial | pág. 16

Três padres e uma vocação
Sacha Leite

Espaço dos Seminaristas | pág. 20

Culminâncias nos cursos de filosofia e teologia
Ir. Cléber Teodósio

Notícias da PBCM | pág. 23

Nossa vocação é para a comunhão
Denílson Matias, CM

Família Vicentina | pág. 24

Santas Missões Populares Vicentinas
Ir. Túlio Medeiros, CM

Notícias da PBCM | pág. 26

Santas Missões Populares Vicentinas
Da redação

Dica de Filme | pág. 27

Nomadland
Pe. Alexandre Nahass Franco, CM

Pe. Eli Chaves dos Santos, CM

Colocar-nos em processo sinodal

Encontrar, ouvir e discernir

Em 24 de abril de 2021, o Papa Francisco aprovou um novo itinerário sinodal para a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, sobre o tema “*Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*”. O percurso para a celebração do Sínodo será dividido em três fases, entre outubro de 2021 e outubro de 2023, passando por uma fase diocesana e uma continental, que darão origem a dois diferentes *Instrumentum laboris*, até à fase final a nível de Igreja Universal” (Nota do Sínodo dos bispos, em *L’Ossevatorio Romano*, 9 de junho de 2021).

Somos todos chamados a fazer uma experiência de “Igreja sinodal” e a intensificar o processo de conversão, para sermos uma Igreja onde todos caminhamos juntos na mesma direção, como discípulos missionários de Cristo. O Papa Francisco resumiu em três verbos as ações da experiência sinodal: encontrar, ouvir e discernir. O processo sinodal deve ser expressão de uma “Igreja em saída”, que vai ao encontro de todos, com abertura e disposição de acolher e ouvir o que as pessoas dizem. É ainda a Igreja que se coloca em atitude de missão permanente, sabendo que a missão é de todos. A Igreja sinodal acontece quando cada um coloca o próprio dom a serviço do bem de todos, deixando-se beneficiar pelo dom dos outros, superando as fronteiras do individualismo, da autossuficiência, dos preconceitos e divisões, que impedem a união fraterna.

Na caminhada latino-americana de preparação do Sínodo, realizou-se a Primeira Assembleia Eclesial continental, entre os dias 21 e 28 de novembro de 2021, no santuário de Guadalupe, no México, onde 40% dos participantes são leigos e leigas. Esta Assembleia, que foi precedida de uma grande escuta, que envolveu todas as Igrejas locais, buscou refletir e discernir os passos do longo caminho a ser feito, a partir do que se escutou, para que a Igreja toda se torne sinodal.

Como Igreja e com toda a Igreja, somos chamados, a Congregação da Missão e toda a Família Vicentina, a colocar-nos neste caminho sinodal. Não podemos ficar à margem deste processo eclesial, como meros expectadores de mais uma grande e importante

reunião da Igreja. É necessário que, com o conjunto da Igreja, participemos, conheçamos e acolhamos o que está sendo escutado e discutido, as questões e propostas que serão apresentadas e que, seguramente, trarão luzes para renovar a missão vicentina.

O espírito sinodal deve impregnar as atitudes, práticas e projetos de nossos ramos, de toda a Família Vicentina. Precisamos encontrar-nos mais, escutar-nos mutuamente, demolindo os muros da autorreferencialidade e das particularidades fechadas de cada ramo e sintonizando nossos passos no caminhar juntos, no seguimento de Cristo, nos pobres. É tempo de cada ramo se abrir, escutar-se mutuamente e revitalizar a fraternidade vicentina e a colaboração, na caridade e na missão. É tempo de sair, de ir mais e mais para o meio do povo, sobretudo dos pobres, e dialogar com eles, escutá-los em suas alegrias e sofrimentos e discernir os apelos dos mais necessitados para o serviço solidário. É tempo propício para crescermos e caminhar juntos como Família Vicentina, com a Igreja e sendo em seu interior um sinal efetivo de amor aos pobres, na *comunhão, participação e missão*.

Papa Francisco, na abertura do Caminho Sinodal, afirmou: “*Sejamos peregrinos enamorados do Evangelho, abertos às surpresas do Espírito Santo. Não percamos as ocasiões de graça do encontro, da escuta recíproca, do discernimento*”. ■

A Igreja sinodal acontece quando cada um coloca o próprio dom a serviço do bem de todos, deixando-se beneficiar pelo dom dos outros, superando as fronteiras do individualismo, da autossuficiência, dos preconceitos e divisões, que impedem a união fraterna.



Ir. Cléber Teodósio, CM

Novos ares na Igreja

Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe 2021

A Igreja da América Latina e Caribenha avança na caminhada sinodal com a realização de sua primeira Assembleia Eclesial, ocorrida no México, de 21 a 28 de novembro de 2021. Com o tema “*Todos somos discípulos missionários em saída*,” o modelo promete ser o instrumento que substituirá as tradicionais conferências do episcopado latino-americano e caribenho e tende a servir de referência para as Igrejas, nos demais continentes.

A Família Vicentina esteve no evento, representada por: Irmã María Suyapa, FC; Fernando Rueda, JMV, padres Gabriel Naranjo, CM, José Fitzgerald, CM, Guillermo Campuzano, CM, natural da Colômbia, atualmente em missão internacional nos EUA, atuando como vice-reitor de Missão e Ministérios na DePaul University, coordenando a Equipe Teológica e Interdisciplinar que assessorava a presidência da CLAR (Conferência Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas). Conversamos por WhatsApp com o Pe. Campuzano, que nos transmitiu algumas das suas impressões a respeito da assembleia.

“A Assembleia Eclesial se dá num contexto onde o povo de Deus se reúne para refletir e discernir o que o Espírito Santo está dizendo à Igreja hoje, num movimento de escuta, de sinodalidade. Esta assembleia está em profunda sintonia com o atual Sínodo, aberto no último outubro, em Roma.

Fazer-se presente como Família Vicentina nestes processos é próprio de nossa identidade, que como São Vicente, colaboremos com a Igreja em sua permanente reforma, para que os pobres sejam melhor evangelizados.

Destaco nesta assembleia o seu movimento de escuta. Na pré-assembleia, 70% das 70 mil pessoas escutadas foram vozes femininas. De fato, são as mulheres que sustentam a Igreja em suas bases. A primeira pauta que brota, nesta assembleia, são gritos dos que se sentem excluídos, que pedem para que a Igreja que se ponha ao lado das vítimas da injustiça social, e da terra que sofre com a injustiça ecológica; a segunda, é uma pauta interna, é a agenda da reforma da Igreja, que como a primeira, está de comum acordo com o papado de Francisco.

Estamos vivendo um momento excepcional de diálogo dentro da Igreja e da Igreja para fora. Hoje, o diálogo e a cooperação não podem ficar na superficialidade, é preciso que se comprometa com o essencial, pois o que está em risco é a existência da vida, da humanidade, do planeta. É tempo de se ampliar hori-

zontes, sentarmos em todas as mesas que estão abertas a contribuir com a encarnação dos valores do Reino às diferentes realidades. Aliás, evangelizar, hoje, é encarnar os valores do Reino em todas as culturas. Acredito ser esta assembleia, a primeira em que leigos, religiosos, padres e bispos nos reunimos como Povo de Deus, sentados na mesma mesa, discutindo assuntos da Igreja como iguais, mesmo que com funções distintas, e tentando ouvir Deus, por meio da escuta atenta de sua Palavra, da história dos pobres. Esta assembleia já é uma nova estrutura sinodal. Acreditamos que a palavra Episcopal da sigla CELAM, passará à Eclesial, quando teremos o ‘Conselho Eclesial Latino Americano’. Destaco e valorizo também a valentia, a audácia e a intrepidez dos jovens, que se fizeram presentes na Assembleia; eles têm muito a nos ensinar. Assim, que os escutemos, incluamos e não tenhamos medo de aprender com eles a viver na cultura atual, onde se encarnam de maneira natural.

A Família Vicentina é, em sua essência, uma família da Igreja. Logo, a missão da Igreja também é a sua. São Vicente de Paulo foi um homem profundamente eclesial. A partir de sua vida e convicções promoveu, avançou e articulou uma reforma da Igreja. Nossa presença nesta assembleia nos beneficia, pois saímos da margem, do isolamento, e trabalhamos para fora. Ninguém hoje consegue responder a missão no fechamento, por isso nos articulamos, incluímo-nos, enredamo-nos no sentido de fazer-nos rede com os outros; não poderíamos ficar indiferentes a este momento eclesial. Assim, convido a todos a conhecerem

alguns objetivos acordados no encontro:

- 1º que descubramos as sementes de sinodalidade e as sementes de reforma em nosso próprio carisma;*
- 2º que participemos do processo sinodal que agora vivem as igrejas particulares;*
- 3º que abracemos a espiritualidade sinodal, ou seja, a espiritualidade de caminhar juntos neste movimento de reforma e de conversão integral (pastoral, relacional e ecológica);*
- 4º que sonhemos com uma Igreja nova, com os quatro sonhos da querida Amazônia: social, cultural, ecológica e eclesial;*
- 5º que promovamos o estudo do movimento sinodal, para que o nosso compromisso seja fundamentado, articulado e consciente, partindo da vida e para a vida.”*

Nossa gratidão ao Pe. Campuzano pela rica partilha e o apelo a que encarnemos na missão, na vida pastoral e em todos os demais âmbitos, esses frutos, bem como os desafios da Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe. ■





Foto: enviada por Raissa Vilela

Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Jardim Industrial, Contagem

Pe. Juarez Carlos Soares, CM e Pe. Ezequiel Alves de Oliveira, CM
Com colaboração de: Sr. Antônio Augusto Santos Nunes e o Prof. Jamir Evangelista

Paróquia Nossa Senhora de Fátima

Origem e atualidade da obra da PBCM, situada no Jardim Industrial, Contagem

Tudo começou no ano de 1967, quando as atividades no Instituto Coração de Jesus foram encerradas, por motivos financeiros. O estabelecimento, situado à Rua Clube das Violetas, sediava a celebração de missas dominicais. Com o fechamento do colégio, foi formada uma comunidade paroquial, no Bairro do Jardim Industrial, que contou com as seguintes pessoas: Professor Jamir Evangelista, Maria de Lourdes Solar, Ida Rodrigues Valadares, Elza da Silva Amaral, Norma Toledo Pires de Oliveira, José Valadares e Raimundo Amaral.

Dois anos depois, em 1969, os membros desta comissão procuraram a Associação Pró-Melhoramentos do

Bairro Jardim Industrial, que funcionava à Rua Santa Teresinha, agora Pe. Bartolomeu de Gusmão, nas dependências do então presidente da entidade, Sr. Ermo Augusto Ferreira. O resultado desta visita e reunião foi a criação da Comunidade Paroquial, para a qual foi nomeado o Sr. Antônio Augusto Santos Nunes, para coordenar a “Campanha Pró-Construção da Igreja do Bairro Jardim Industrial”. Nesta oportunidade, a comissão escolheu o nome que seria dado à Igreja: Nossa Senhora de Fátima, cujos trabalhos se iniciaram com 31 membros, precursores da Comunidade Paroquial, do Bairro Jardim Industrial - Contagem.

No decorrer da caminhada da comunidade, este grupo de pessoas muito se empenhou nas promoções de barraquinhas, listas para colher donativos, rifas, bingos, forrós, almoços etc. Dessas iniciativas, foi adquirido o primeiro fundo financeiro destinado à compra dos dois lotes onde está construído o atual Centro Comunitário Pe. Joaquim de Souza e Silva, terreno este que, em princípio, se destinava à construção da Igreja. Nessa época, contamos com o apoio espiritual do Pe. Alcides Lana, capelão do Instituto Coração de Jesus e Pe. Paulo Lopes de Faria, pároco da Paróquia Nossa Senhora da Piedade.

Com a crescente participação dos fiéis e movimento espiritual, que contava com missas campais, coroações, eucaristia etc, o grupo chegou à conclusão de que deveria procurar a Cúria Metropolitana, que funcionava na Praça da CEMIG-Contagem. Lá fomos muito bem acolhidos pelo então pároco da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Pe. Geraldo Magela Teixeira, que se dispôs a caminhar junto com os membros da Comunidade Paroquial do Bairro Jardim Industrial, que pertencia a mesma Paróquia.

Com a chegada do Pe. Geraldo Magela e o apoio das equipes já formadas, o então Prefeito Sebastião Camargo, na ocasião em que foi convidado para uma reunião na residência do Sr. Antônio Augusto, sugeriu que se fundasse uma Obra Social, para que a Prefeitura também pudesse contribuir com o recurso municipal. Em 1970, a Obra Social da Paróquia Nossa Senhora Aparecida foi fundada, com a seguinte diretoria: Pe. Geraldo Magela Teixeira (diretor); Hugo de Souza Galdereto (presidente); Antônio Augusto Santos Nunes (secretário); José do Nascimento (tesoureiro); Comissões: Espiritual: Pe. Geraldo Magela Teixeira; Catequese: Prof. Jamir Evangelista; Movimento Social e de Oração: Maria de Lourdes Solar, Ida Rodrigues Valadares, Norma Toledo, Elza da Silva Amaral, com o apoio de paroquianos como Moacir Augusto, Glória Issa, Darcília, Maria Parreiras, Carmem, Rita, Iolanda Zanini, Maria Zanini, Maria Antônia, entre outros.

Diversas autoridades governamentais apoiaram a criação da obra social, tais como: Prefeito Sebastião Camargo, Prefeito Francisco Firmo de Matos Filho, Vereadores: Agripino, Jesus Milton e Nabor Franco de Andrade. Criada a Obra Social, a primeira contribuição da Prefeitura de Contagem, por intermédio do então prefeito Sebastião Camargos, foi a desapropriação dos dois lotes onde está construída a atual Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima.

Caminhada paroquial, linha do tempo

01/04/1975 A Prefeitura de Contagem assina o decreto nº 1287, que declara de Utilidade Pública a Obra Social da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, como também o termo de posse dos 2 lotes onde nesta data foi iniciada a construção da Igreja, com o lançamento da “Pedra Fundamental”.

1976 O Arcebispo Metropolitano, D. Serafim de Ulhoa Vieira, criou a Paróquia Nossa Senhora de Fátima, desmembrada da Paróquia Nossa Senhora Aparecida.

14/05/1978 Chegada da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, recebida por multidão de fiéis que acompanharam o cortejo iniciado na Igreja Santo Antônio, prosseguindo até a igreja matriz. A saudação foi realizada pelo Bispo D. João de Resende Costa e pelo Pároco Pe. Geraldo Magela Teixeira.

13 /06/1982 Pároco Pe. Geraldo Magela, depois de ficar à frente da Comunidade Paroquial durante 12 anos, fez a entrega solene da Obra Social e da Igreja Nossa Senhora de Fátima ao Pe. Jair de Lima (que ficou na Paróquia de junho/1982 a abril/1983).

Início da atuação dos missionários lazaristas na Paróquia

13/08/1983 assumiu a Paróquia o saudoso Pe. Joaquim de Souza Silva, CM, dando, assim, início a presença e atuação missionária dos Padres lazaristas, da Congregação da Missão, fundada por São Vicente de Paulo. Destacamos a dedicação, de corpo e alma, do Pe. Joaquim, mantendo em harmonia o Conselho Pastoral Paroquial, contando com as equipes: Pastoral da Saúde, da Juventude, das Relações Humanas da Catequese, dos Cursos de Noivos, da Crisma, do Apostolado da Oração etc. No plano físico da Paróquia, abraçou com muito entusiasmo os melhoramentos da Igreja e, no dia 18 de Outubro de 1987, fez o lançamento da Pedra Fundamental do Centro Comunitário, situado à Rua Barão do Rio Branco.

1989 com o lamentável falecimento do Pe. Joaquim, assumiu como Pároco o Pe. Rafael Manna, que muito contribuiu para o engrandecimento da Paróquia, com ações como a ampliação da área paroquial, com a inclusão da região do D. Bosco e Sandoval de Azevedo, a assistência às vítimas da tragédia da Barraginha, dinamização da liturgia e continuidade da Construção do Centro Comunitário, iniciada pelo Pe. Joaquim.

1993 assumiu o Pe. Antenor Pinto de Rezende, CM, que deu prosseguimento a todas as atividades da Paróquia, destacando-se, em especial, a Pastoral da Saúde e a celebração do terço, em família.

1995 assumiu o Pe. Dejair Roberto De Rossi, CM, coadjuvado pelo Pe. Antonio Gomes Pereira, CM, Pe. Agnaldo Aparecido de Paula, CM, e pelos seminaristas Paulo José Araújo, CM, e João Donizete Dombroski, CM. Na dimensão pastoral, dinamizou as Pastorais da Família, Batismo, Crisma, Curso de Noivos, Atividades Missionárias na Região do D. Bosco. Na Comunidade Sandoval de Azevedo criou o movimento da Mãe Rainha. No plano material, destacamos: a criação da Obra Social da Comunidade Sandoval de Azevedo, a construção das dependências da Obra Social, construção da Igreja do Divino Espírito Santo, no Conjunto Sandoval de Azevedo, a reforma da Capela Nossa Senhora Aparecida da Barraginha, reforma e ampliação da Casa Paroquial, Reforma geral da Igreja Matriz, com relevante destaque a troca do telhado e do piso da igreja, reforma e ampliação do serviço de som e impulso considerável das obras do Centro Comunitário nos 3 pavimentos.

Em 2001 assumiu o Pe. Márcio Nicolau da Silva, >>>



Padre Juares Carlos junto ao grupo que fez a primeira eucaristia, em 2019.

onde atuou até 2003. Dinamizou as pastorais com forte acento na pastoral litúrgica.

07/09/2003, assumiu com Pároco Pe Luiz Roberto Lemos do Prado, CM, missionário lazarista (vicentino), ordenado em 3 de agosto de 1991, em Belo Horizonte-MG, tendo como colaboradores os padres Francisco Hermelindo Gomes, CM, e Edson Oliveira Silva, CM, juntamente com mais seis seminaristas que atuam na Pastoral da Paroquianos, aos finais de semana.

2003 Com a saída para outras paróquias dos padres Francisco e Edson, chegaram os padres José do Amparo Rocha e João de Barros Reis, que contam com uma vasta experiência pastoral no Brasil e Exterior.

01/08/2005 o Pe. Rafael Manna, CM, depois de alguns anos residindo na cidade do Rio de Janeiro, para assumir o ofício de Ecônomo Provincial da PBCM, retorna à Paróquia Nossa Senhora de Fátima, para dar continuidade aos relevantes trabalhos Pastorais e administrativos que a nossa Paróquia tanto necessita.

Em 2007 com a morte do Pe. Rafael Manna, CM, assumiu por pouco tempo a Paróquia o Pe. Carlos Vileta Mota, CM, quando pediu licença aos superiores da Congregação da Missão para se incardinar na Arquidiocese de Belo Horizonte.

De 2008 a 2009 assume a Paróquia, o Pe Tadeu Oliveira Santos Pôrto, CM, o qual deu continuidade aos trabalhos convencionais da paróquia: sacramentos e administração.

De 2010 a 2015, assumiu a Paróquia o Pe. Pedro Dias de Lima, CM., coadjuvado pelo Pe. Getúlio Mota Grossi, CM e alguns seminaristas nos finais de semana. Deu continuidade aos trabalhos de animação pastoral, na Paróquia e Forania. O seu trabalho foi marcadamente caracterizado pela simplicidade, animação e a alegria na convivência com as pessoas.

De 2016 a 2018, assumiu a Paróquia, o Pe. Neider Gonçalves de Freitas, CM, coadjuvado inicialmente pelos Padres Paulo Ribeiro de Faria, CM e José Gonzaga de Moraes, CM e pelo Diácono Hugo Barcelos. O Pe. Neider buscou garantir os trabalhos convencionais da Paróquia, com ênfase na dimensão social como reflexão e melhorias na Obra Social e cozinha da paróquia.

A partir de 15 de fevereiro de 2019, o Pe. Juares Carlo Soares, CM, e o Irmão Ezequiel Alves de Oliveira, CM, hoje Pe. Ezequiel, assumiram a Paróquia Nossa Senhora de Fátima, tendo a presença de alguns estudantes nos finais de semana, fazendo o seu estagio pastoral.

Nova configuração para a Casa de Contagem

“Desde que aqui chegamos, procuramos dar sequencia aos trabalhos do nosso coirmão antecessor. Durante o primeiro ano, procuramos sentir e conhecer a realidade social e humana dos paroquianos, animar as comunidades pastorais e grupos, procurando investir no acolhimento, na convivência e em celebrações mais acolhedoras, assim como na parte administrativa, organização da documentação e secretaria paroquial, livros de registros, arquivos e finanças” explica Pe. Juarez Carlos Soares, CM.

A partir da Assembleia Paroquial, no final de 2019, o Projeto Pastoral Paroquial para o quadriênio 2020- 2023 foi elaborado, com o lema: "Queremos ser uma Paróquia Missionária: Casa da Palavra, do Pão, da Caridade e da Missão." Como objetivo geral foram assumidos três compromissos concretos, de acordo com as Diretrizes elaboradas para cada pilar do projeto de evangelização, visando responder aos desafios da realidade eclesial, pastoral e social. (cf. Planejamento Paróquia Nossa Senhora de Fátima, ano 2019, p. 05 a 07).

Dando seguimento aos trabalhos, apesar da pandemia de Covid-19, a casa de Contagem optou por investir em melhorias na parte interna da Igreja Matriz, reformando presbitério (revestimento das paredes, novo altar, ambão, crucifixo, painel em madeira e cadeiras); nave (forro em gesso estruturado, iluminação, pintura e ventiladores); capela do Santíssimo (revestimento, iluminação e piso); e sacristia (pintura iluminação e armários novos).

Pastoral e missionariamente, apesar das enormes dificuldades e desafios impostos pela pandemia, buscou-se perseverar na fé e na esperança cristã, promovendo e garantindo a sobrevivência humana e física da querida Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Dessa forma, a equipe missionária garantiu as celebrações, o contato e as informações pelas mídias sociais e a convivência local, mesmo com tosa as limitações, e respeitando todos os protocolos sanitários.

Ultimamente, os coirmãos da casa de Contagem, da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, padres Juarez Carlos, CM, Ezequiel Alves, CM, e Allysson Giovanni, CM, além dos trabalhos normais da paróquia, receberam do Visitador, Pe. Eli Chaves dos Santos, CM, e de seu Conselho, uma nova proposta de trabalho missionário para essa obra, isto é, tornar a casa de contagem uma casa de missão, com pelo menos cinco tarefas missionárias, mencionadas a seguir: 1. Coordenação Missionária e administrativa da Paróquia Nossa Senhora de Fátima; 2. Coordenação da Família Vicentina Regional de Belo Horizonte; com seus respectivos objetivos e trabalhos; (Missões, quinzenas e jornadas missionárias); 3. Animar os diferentes ramos, Formação de Leigos para as Missões; 4. Acompanhar a Pastoral Carcerária de São Joaquim de Bicas; e 5. Gestar as Missões Vicentinas Itinerantes.

Além das propostas de trabalho missionário supracitadas, a casa paroquial de Contagem disponibiliza também as metas de trabalho para 2022, de acordo com o planejamento paroquial: Formação de Ministros Extraordinários da Eucaristia e da Palavra; Formação de catequistas em todos os níveis; Formação de lideranças; Tornar mais conhecida a Paróquia e Obra Social Nossa Senhora de Fátima; Investir na Formação Litúrgica em todas as Comunidades ligadas à Paróquia; Aprimorar os Conselhos Comunitários e Financeiros da Comunidades e a nível de estrutura paroquial; Formação da consciência crítica das lideranças; Cultivar e aprofundar o espírito inter-comunitário, enquanto Igreja e rede comunitária. ■

Párocos (1970-2019)

- ◆ Pe. Geraldo Magela Teixeira
- ◆ Pe. Jair de Lima
- ◆ Pe. Joaquim de Souza Silva, CM
- ◆ Pe. Rafael Manna, CM
- ◆ Pe. Antenor Pinto Rezende, CM
- ◆ Pe. Dejair Roberto de Rossi, CM
- ◆ Pe. Márcio Nicolau da Silva, CM
- ◆ Pe. Luiz Roberto Lemos do Prado, CM
- ◆ Pe. Carlos Vilela Mota, CM
- ◆ Pe. Tadeu Oliveira Santos Pôrto, CM
- ◆ Pe. Pedro Dias de Lima, CM
- ◆ Pe. Neider Gonçalves de Freitas, CM
- ◆ Pe. Juarez Carlos Soares, CM

Presidentes Obra Social Paróquia Nossa Senhora de Fátima

- ◆ Hugo de Souza Galdereto
- ◆ Antonio Augusto Santos Nunes
- ◆ Zarife Mitre Braga Nunes
- ◆ Hélio Luiz
- ◆ Nelson Fonseca Filho
- ◆ Marcos de Carvalho

Pe. John P. Prager, CM

Tradução e adaptação: Pe. Luiz de Oliveira Campos

Revitalizar a Espiritualidade Vicentina

Nossa preparação para a 43ª Assembleia Geral da Congregação da Missão

Excelentes estudos sobre a Espiritualidade Vicentina foram publicados nos últimos 50 anos. Não é perda de tempo ler e aprofundá-los. A revitalização da Espiritualidade Vicentina não começa do nada. A tradição vicentina contém uma riqueza de experiências que continuam a ter valor. Sem embargo, significa avaliar os elementos de nosso passado que nos podem ajudar a seguir Jesus evangelizador dos pobres hoje. Não podemos aceitar ou rechaçar o que recebemos do passado, somente porque é antigo. **Nossas expressões de Espiritualidade nos permitem encontrar Jesus pobre? Promovem um encontro compassivo com nossos irmãos e irmãs pobres?**

A revitalização de nossa Espiritualidade Vicentina comporta uma mudança. A mudança provoca reações, nem todas agradáveis. A insegurança que nasce do confronto com o desconhecido, o sentimento por haver perdido algumas ideias e práticas que eram valorizadas, o medo, a raiva e a dúvida. Uma aceitação pouco crítica do passado (uma arqueologia Vicenciana segundo alguns) **sufoca a revitalização**. Fechar os nossos olhos aos sinais dos tempos torna impossível seguir Jesus evangelizador dos pobres com novos rumos.

O Espírito Santo revela as novas manifestações do Carisma. Se tentamos interpretar esses impulsos a partir de nossos medos e inseguranças sempre interpretaremos mal seu significado. Podemos trair o Carisma Vicentino se obstinada e cegamente seguimos suas expressões antigas.

Movimentos que ajudarão a revitalizar nossa espiritualidade vicentina

1. O Movimento da Espiritualidade como caminho para a perfeição e a Espiritualidade como caminho para a caridade.

A Espiritualidade vicentina vive das relações porque o Evangelho nada mais é do que as relações com Deus e as demais pessoas. A evangelização não significa ensinar doutrinas más ou dar novas leis. As Boas Notícias que Jesus anuncia aos pobres, em obras e palavra, é que Deus é um Pai que nos ama. O mandamento evangélico é ser compassivo como o Pai é compassivo. A caridade não é igual às obras e aos projetos. Significa o encontro. Como

nos encontramos com Cristo e com os pobres? É preciso que haja perguntas honestas. Nossas práticas espirituais nos permitem descobrir Cristo presente nos marginalizados da sociedade? Como podemos criar solidariedade com as pessoas que não vemos ou escutamos?

Estas não são somente perguntas pastorais chegam ao coração de nossa Espiritualidade. Será necessário examinar os elementos de nossa tradição espiritual (Votos – Virtudes – Orações – entre outros) e perguntar: Como podem ajudar-nos a encontrar Cristo pobre e a nossos irmãos e irmãs pobres?

2. O Movimento de uma piedade vicentina para uma espiritualidade vicentina

Uma Piedade vicentina não é igual a uma Espiritualidade vicentina. Às vezes confundimos ambas as práticas. Falo aqui de uma Piedade no sentido de práticas devocionais e não da Piedade, dom do Espírito Santo.

Atividades exteriores, certas orações, práticas e devoções têm seu lugar. Mas somente quando manifestam uma Espiritualidade mais profunda. As devoções são um meio não um fim. A meta não é a repetição de algumas palavras ou ações especiais. O sinal da Espiritualidade vicentina não é a conformidade com os atos tradicionais de Piedade. As emoções e os sentimentos são ainda menos sinais de uma Espiritualidade vicentina. São Vicente criticou claramente o erro de confundir o fervor com a Espiritualidade. A frase popular de amar a Deus com o suor da fronte e a força do braço vem de uma Conferência de onde o santo lança perguntas sobre o desejo de fervor.

Nossas práticas espirituais tem que facilitar a relação com Jesus evangelizador dos pobres e com nossos irmãos e irmãs por isso temos que nos perguntar: “Nossas orações e devoções nos fazem mais compassivos?”. Seguem seis movimentos importantes a serem observados:

3. Dos valores pré-modernos aos pós-modernos

São Vicente se expressou como homem do século XVII. Sua sensibilidade e maneira de entender as coisas sempre refletiam a sociedade pré-moderna do tempo em que ele vivia. Nem sempre temos prestado atenção aos limites culturais, históricos daquilo que recebemos do san-

3. *Dos valores pré-modernos aos pós-modernos*

São Vicente se expressou como homem do século XVII. Sua sensibilidade e maneira de entender as coisas sempre refletiam a sociedade pré-moderna do tempo em que ele vivia. Nem sempre temos prestado atenção aos limites culturais, históricos daquilo que recebemos do santo. Sem o sentido crítico temos tentado repetir valores e práticas, que somente se podem manter com dificuldade num mundo pós-moderno (a uniformidade, a visão hierárquica da autoridade e a obediência entre outras coisas que nos vem à mente).

Nossa aceitação sem crítica da tradição escondeu de nossa consciência a presença de acréscimos do século XIX... Revitalizar a Espiritualidade vicentina significa incluir valores pós-modernos que coincidam com o Evangelho.

Como São Vicente, necessitamos de novos mestres, teólogos que nos possam ajudar a entender as experiências de seguir o Jesus evangelizador dos pobres.

4. *De uma expressão unicultural para uma multicultural da espiritualidade vicentina*

A Congregação da Missão foi essencialmente uma comunidade europeia até os séculos XIX e XX. As Casas da Ásia, da África e da América eram constituídas de Coirmãos dos países europeus. Logicamente a maneira de entender e expressar a Espiritualidade refletia as origens dos Coirmãos. A partir do Vaticano II (1962-1965), a Igreja fez grandes esforços para inculturar o Evangelho. Os Documentos da Congregação mostram esta mudança para uma unidade eclesial global. As Constituições e Estatutos, a Instrução sobre os Votos de Estabilidade, Castidade, Pobreza, Obediência e *Ratio Missionum* buscaram as maneiras de inculturar o Carisma.

O movimento de inculturar nossa Espiritualidade não é simplesmente colocar uns hinos locais na Liturgia. A cultura nada mais é como um povo entende e se relaciona

com o mundo. Abarca os valores e contra valores, os símbolos e as atividades.

A Espiritualidade vicentina nesses novos contextos tem que meditar sobre os valores apresentados pela cultura à luz de como nos permitem viver o Carisma. Se esperamos encontrar Jesus presente nas diferentes culturas e se queremos enxertar-nos na realidade dos pobres, temos que levar em conta as culturas não só pastoralmente, mas também como uma experiência espiritual.

5. *Da vida religiosa para a vida apostólica*

São Vicente sempre dizia, com clareza, que não pertencemos à vida religiosa. As Constituições afirmam que não somos sociedade de Vida consagrada, mas sociedade de Vida apostólica. Ainda que isto fosse importante não foi sempre bem entendido. É uma das áreas menos exploradas nas novas Constituições. A influência da vida religiosa foi tão penetrante, por muito tempo, que deixamos de fazer perguntas sobre o efeito em nossa vida. Este modo de viver teve seus impactos na nossa Espiritualidade.

Uma Espiritualidade vicentina precisa ser menos monástica e mais apostólica. A Missão não significa ir a países muito distantes ou nas Missões populares de Paróquia. Significa deixar nosso pequeno mundo para entrar no mundo do pobre. Uma Espiritualidade missionária não consiste em levar Cristo ao pobre, pois Ele já está no meio dos pobres. A Espiritualidade missionária significa descobrir sua presença no meio do povo. Em outras palavras significa viver o Evangelho no mundo, mesmo quando este mundo não está geograficamente distante.

6. *Do individualismo para a comunidade*

Há momentos na vida espiritual que nos convidam à solidão. Ser contemplativos na ação significa a oração pessoal. Existem decisões sobre o crescimento, a santidade evangélica e o serviço dos pobres, que requerem a reflexão e as responsabilidades pessoais. Existe a necessidade de um diálogo com o Senhor, que só pode acontecer no silêncio. O movimento para a Comunidade não significa que devamos fazer tudo juntos. A oração pessoal todavia deve nos conduzir à união com os outros. Primeiramente à união com Jesus pobre. Em segundo lugar deve criar relações com outras pessoas: os Coirmãos, a família vicentina e os pobres. A Comunidade se resume nos valores compartilhados, numa visão comum e numa atividade colaborativa.

Conclusão

A revitalização da Espiritualidade vicentina é uma tarefa crucial para a Congregação da Missão. Ela torna possível a renovação do Carisma e do nosso Ministério. Estes seis movimentos, ainda que não sejam uma novidade completa para nós, podem ser assumidos de uma maneira ressignificada em nossa preparação para a 43ª Assembleia Geral. ■



Ilustração: DePaul University

Pe. Alex Sandro Reis, CM

Devolvam as brincadeiras!

Implicações do negacionismo na maneira de construir a nossa sociedade

Algum tempo atrás poderíamos, enquanto crianças, buscar, não sozinhos mas com outros, várias formas de brincadeiras: pique, cabra cega, futebol etc. Tais brincadeiras eram realizadas de forma coletiva e presencial. Eram brincadeiras sadias, que geravam laços comunitários saudáveis.

Mudanças drásticas vão acontecendo. As brincadeiras coletivas já estão em *demodé* e com isso os laços comunitários se tornaram frágeis. Aumenta-se não só o egoísmo, o egocentrismo, o individualismo como também a solidão. As crianças brincam com 'brincadeiras de adultos': computadores, celulares, plataformas sociais. As crianças já nascem adultas e vivem solitárias. São emancipadas antes da hora devida.

Voltando ao tema, há algumas brincadeiras do passado que foram apropriadas indevidamente no presente por alguns adultos, transformando-as em brincadeiras 'ácidas' para o tempo presente.

Se na brincadeira da cabra cega um ficava de olhos vendados a descobrir os outros, hoje um grupo crescente de pessoas, autoridades e personalidades vendam os olhos para não enxergarem o sacudir do tempo presente. Com os olhos vendados negam a atual conjuntura. Com os olhos vendados pensam, enamoram um passado que não existe mais e, ilusoriamente, ou simploriamente desejam trazê-lo para o agora. Com os olhos vendados, simulam pessoas e realidades não-reais. Estes que vendam os olhos não conseguem dialogar com as realidades, não conseguem dialogar com aquilo que se aponta para o futuro. Com os olhos vendados, veem-se inoperantes.

Outra brincadeira do passado que perambula pelo nosso meio é a de estátua. Estes que se encontram

de olhos vendados estão paralisados por causa da força do presente, por causa do dinamismo da história. Incomodados e sem respostas desejam a paralisia de adversários, de contrários, do dinamismo e claro, do futuro.

Vendar os olhos à realidades, aos diferentes, aos contrários e criar situações de paralisia são modelos que vão ganhando força por aí. Esbarramos em cabras-cegas. Esbarramos em estátuas a cada esquina. Estes dois modelos de 'falsas brincadeiras' desembocam numa interessante brincadeira na adolescência, que mal apropriada no hoje: cair no poço. E ali, no fundo do poço, não há príncipe e nem princesa. É uma realidade nua e crua de caos. Muitos estão caindo no poço.

É tempo de clarear nossas consciências. É tempo profético: denunciar as trevas do negacionismo que vão levando todo um povo para o caos. Tempos de desafios, tempos que nos interpelam como humanos com inteligências. Mãos à obra. Ah! Que possam ser devolvidas as brincadeiras às nossas crianças. ■



Ilustração: "Meninos brincando" (1955)
Cândido Portinari, recorte

Mariano Pereira Lopes

Identidade Vicentina

Afiliado à Congregação, Prof. Mariano Lopes partilha o que é, para ele, ser Vicentino, a partir de sua biografia

Minha identidade vicentina fundamenta-se, sem dúvida, em minha origem de uma família cristã, católica, pais religiosos, atentos sempre às necessidades, não apenas dos filhos e de pessoas mais próximas, mas de um sem número de pessoas mais distantes de nossa família. O espírito caritativo de meus pais foi sempre uma marca na educação de seus sete filhos.

Meu vínculo com a Família Vicentina inicia-se com a chegada ao Caraça, em janeiro de 1957.

Em seis anos de estudos no Caraça, pude desenvolver não apenas habilidades intelectuais, ano a ano, no curso de Humanidades, mas também valores espirituais, na empatia perfeita com uma vida de oração e inserção no ritmo diário e constante de ações formativas, inerentes ao processo de vida de um aspirante ao sacerdócio. Meu primeiro contato com São Vicente foi a leitura do livro “O pastorzinho de Pouy”, pequena biografia do Santo Fundador da Congregação. Todo o contexto formativo no Caraça me fez

conhecer e assimilar cada vez mais o espírito e os valores vicentinos.

Após os seis anos de Caraça, a ida para o Seminário Interno, em Petrópolis, me fez avançar na construção de minha identidade vicentina, posto que o Seminário Interno ou Noviciado era um tempo específico de dois anos para estudo e vivência dos valores vicentinos, visando à admissão próxima aos quadros da Congregação da Missão, por meio dos primeiros votos temporários. Foi um tempo feliz, de amadurecimento espiritual, crescimento na vida de oração e inserção na vida comunitária. Relembro cada momento como base de uma espiritualidade cristã e vicentina que vi

crescer nos quatro anos seguintes, em que ainda estive ligado à Congregação e me fazem progredir espiritualmente vida afora, na manutenção de uma fé cristã madura e consistente.

Após o segundo ano de teologia, em 1968, desliguei-me da Congregação. Bem formado, entretanto, nas trilhas de São Vicente de Paulo, jamais me afastei de sua espiritualidade, participando de momentos celebrativos da Congregação, da pastoral catequética na paróquia São José do Calafate, e, há 10 anos, convivendo com os seminaristas nas casas de formação, ministrando aulas de Língua Portuguesa.

Desde 2006, represento a AEALAC – Associação dos ex-alunos dos Lazaristas e Amigos do Caraça –, como seu presidente, no Conselho de Coordenação da Família Vicentina, Regional de Belo Horizonte, fator que me identifica e faz crescer sempre mais na espiritualidade de São Vicente de Paulo.

Finalmente, em dezembro de 2017, exatamente no dia em que se fazia, na Igreja, a abertura do Ano do Laicato, recebi, por meio da Província Brasileira da Congregação da Missão, um diploma, a mim concedido pelo Superior Geral da Congregação, incluindo-me “entre os membros da Família Espiritual Vicentina, participante dos méritos de todas as preces, bênçãos, obras caritativas e apostólicas nela existentes.” Tal insígnia se deve, de acordo com a justificativa existente no diploma, ao reconhecimento e gratidão do Superior Geral, em nome da Congregação, “aos amigos que, com seus gestos e suas obras, tornaram-se beneméritos da Comunidade dos Missionários de São Vicente de Paulo.”

A afiliação à Congregação da Missão, além de grande emoção e alegria, constituiu forte motivo para o aprofundamento de minha identidade vicentina e da vivência da espiritualidade e virtudes do Grande Santo. Confesso, hoje, minha gratidão a Deus e à Congregação da Missão pela oportunidade de vivenciar um conjunto de valores que formam o legado da espiritualidade de São Vicente de Paulo. ■

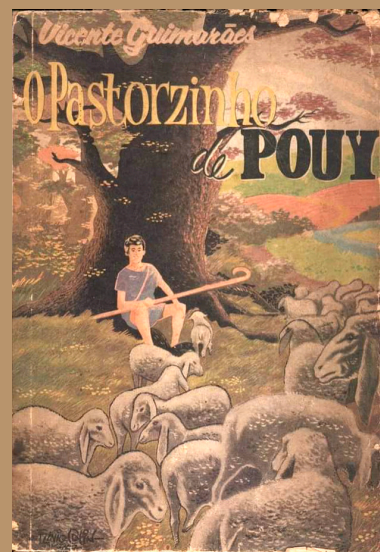


Foto: Sacha Leite



Foto: enviada por Alex Almeida

Ex seminarista do Engenho - fila de cima: Carlos, Reginaldo, Pe. Orlando, Jorge, Sormane, Flávio e Valdeci. Fila de baixo: Hernando, Marccone, Adenilson, Alex e Joel

Alex Almeida*

Encontro de ex-seminaristas do Engenho

Grupo se reúne 30 anos depois e celebra a boa formação caracense

Nos dias 6 e 7 de Novembro de 2021 aconteceu no Caraça, Catas Altas-MG, o Encontro de ex-seminaristas do Engenho. Engenho é o nome da antiga fazenda de férias do extinto Colégio do Caraça. De 1977 a 1996 funcionou neste local o seminário, sendo assim, uma opção de estudos para jovens que queriam ser padres e que cursavam o Ensino Fundamental. Foi um prolongamento da tradição educacional dos padres lazaristas nos territórios do Caraça, após o incêndio que fechou a instituição, em 1968.

Nestes dias de encontro, reuniram-se as turmas de ex-seminaristas dos anos de 1991 e 1992. Tal encontro

foi organizado e preparado ao longo de um ano e meio, sendo que sua data foi modificada algumas vezes, devido à pandemia de Covid-19. Infelizmente o idealizador inicial, Hebert Pereira Damasceno, foi uma das vítimas ceifadas pelo vírus antes que o encontro pudesse acontecer. Essa perda nos motivou mais para que o encontro acontecesse. A efemeridade da vida é algo real, então, decidimos celebrar nossas vidas fazendo com que se cruzassem uma vez mais. Foi necessário que muitos se deslocassem, inclusive, de outros estados do nosso país, para estarmos juntos. Muitos foram sozinhos e outros aproveitaram para introduzir ao grupo esposas e filhos, o que



Foto: enviada por Alex Almeida

Acima: Orlando, Adenilson, Valdeci, Charles, Eduardo, Hernando e Alex. Embaixo: Geraldo, Wilton, Joel e Herbert, no Seminário do Engenho, em 1991.

tornou a mobilização do encontro mais rica e especial.

Estarmos juntos foi de uma emoção imensurável. Alguns mantinham contato desde a época de seminário e outros não se viam havia quase 30 anos. Foram momentos para resgatar muitas recordações de momentos que passamos entre nós e com nossos saudosos formadores, os padres João Saraiva e Luiz Saraiva, irmãos consanguíneos, que nos ensinaram muito. Naquele tempo, Padre João costumava dizer: “você está no mundo, mas não pertence mais a ele”. A maioria de nós, em períodos diferentes, “retornou ao mundo”, no entanto, acredito que a maioria de nós comunga da ideia de que ter passado pelo seminário nos fez pessoas diferentes, com valores e objetivos diferentes da maioria das pessoas. Dentre nós, apenas um chegou ao sacerdócio, o Padre Orlando, que era o mais velho da nossa turma. Em 1991 e 1992, a maioria de nós tinha a idade entre 13 e 16 anos, talvez jovens demais para decidirmos o que seríamos a maior parte da vida, no entanto, tivemos coragem de sair de nossas casas por vontade própria, ou quem sabe, atendendo um chamado divino, para poder correr atrás de um sonho e isso fez e faz diferença na vida de cada um de nós até os dias de hoje.

Retornar ao Caraça foi não só um ato de saudade, mas de valorização da nossa história individual e grupal. Foi o entendimento de que há laços que não se desatam com o tempo, laços de irmandade, fraternidade e idealismo de uma sociedade melhor. Idealismos que crescem e se fortalecem em cada um de nós e se disseminam pe-

los caminhos familiares e profissionais que passamos. Retornar ao Caraça foi um ato de gratidão aos padres da Província Brasileira da Congregação da Missão, homens que nos educaram e contribuíram para que fôssemos pessoas melhores. Retornar ao Caraça, foi parar no meio do caminho, na casa das funcionárias que cuidaram da nossa alimentação e de nossas roupas, e que viraram nossas amigas, as grandiosas mulheres Naná e Ladinha, e, dizer: muito obrigado!

Não foram só dias de saudosismo. Entre uma recordação e outra houve tempo para falar de nossas vidas atuais, do que pensamos sobre os rumos da política, da Igreja Católica e da sociedade como um todo. Percebo que nossa formação de seminário nos impulsionou a nos tornarmos homens com pensamento crítico, autônomo e responsável.

Agradeço aos meus contemporâneos das turmas de 1991 e 1992 pela participação: Adenilson Leite, Carlos Sátiro, Charles Abel, Eduardo Edson, Flávio Lúcio, Geraldo Emery, Hernando de Lima, Heyder Moreira, Joel Lopes, Jorge Alves, Marcone Aureliano, Oldak Lamarche, Orlando Tito, Reginaldo Marcelo, Sidney Santos, Sormane José, Valdecy Rosa, Vinícius Dorneles, Vinícius Santos, Wemerson Carlos, Wilson José, Wilson Ferreira e aos nossos amigos Herbert Pereira e Raul Pereira, in memoriam. ■

**Ex-seminarista, escritor, bacharel licenciado em filosofia*

Sacha Leite

Três padres e uma vocação

Nossa homenagem aos nonagenários da PBCM

“Com os anciãos está a sabedoria, e na longura de dias o, entendimento” nos revelou Jó, em 12:12. Neste momento Getúlio Mota Grossi, Célio Maria Dell’Amore e Luiz de Oliveira Campos são os padres mais antigos da Província. Apenas por esse motivo já seriam dignos de nossa admiração, conforme dito na bíblia. No caso deles, suas ações também foram relevantes ao longo da vida e por isso merecem a nossa atenção. Residindo hoje em Belo Horizonte, eles são persistentes missionários, cada qual com seu estilo de exercer suas vocações e ministérios. Pouco antes das festas de fim de ano, eles aceitaram o nosso convite, concedendo entrevista para esta 317ª edição do nosso Informativo São Vicente. Nas conversas, citaram algumas de suas valiosas memórias, provenientes de mais de 60 anos de presbitério, após ricas experiências e grandes aprendizados reti-

rados da convivência comunitária e dos importantes ofícios que exerceram na CM.

Nascidos no princípio da década de 1930, os padres Getúlio, Célio e Luiz ordenaram-se presbíteros na Congregação da Missão em meados dos anos 1950. As longevas biografias entrelaçam-se e nos ajudam a sedimentar, após ouvi-los, um pouco da história recente da própria PBCM, contribuindo para uma percepção mais humana e viva dos últimos tempos. Dispondo da história oral oferecida pelos próprios padres, selecionamos fragmentos de suas falas e formamos três perfis que ajudam a contar parcialmente, a trajetória de cada um. A jornalista Sacha Leite conversou com os padres Célio Maria Dell’Amore e Getúlio Mota Grossi, na Casa Dom Viçoso. Matheus Orlandi Pessoa colheu as respostas do Pe. Luiz de Oliveira Campos, na paróquia São José, do Calafate.

Célio

Foto: Sacha Leite

Foto: Sacha Leite

Pe. Célio

Há 63 anos como padre, Célio Dell'Amore já celebrou missas dentro de avião, navio, residências e diversos lugares nas missões onde esteve. "A minha vida em comunidade foi sempre uma riqueza. Fui nomeado superior de uma casa aos 36 anos de idade, quando todos eram mais velhos do que eu. Chegaram a ser duros, dizendo que eu não tinha experiência nenhuma, foi muito difícil. Mas estamos aqui reunidos para estudar juntos, cuidar uns dos outros e fazer a vontade de Deus".

O noventão afirma que o que mais gosta de fazer hoje em dia ainda é atender o povo: "hoje mesmo já atendi cinco confissões. Passo a maior parte do meu tempo atendendo, lendo, rezando e celebrando. Escrevi o livro 'Saudades em Cascata', que teve primeira tiragem de 1500 exemplares e esgotou-se, contando como a minha história pessoal se relaciona com a história do Santuário do Caraça".

Padre Célio Dell'Amore contou que, durante a sua infância, frequentou o bairro do Calafate, em Belo Horizonte, onde costumava caminhar à pé da escola para a Igreja. "fui coroinha da Paróquia São José, em seguida tornei-me sacristão". Conversando conosco na capela da Casa Dom Viçoso, o lazarista relembra que havia cogita-

do se tornar um padre sacramentista, mas acabou optando pela Congregação da Missão, onde era obrigatório o uso de batina. Em sua época de seminarista, estudou por cinco anos no Caraça-MG e por oito, em Petrópolis-RJ. Ele ressaltou que Pe. Luiz Saraiva, Pe. Benedito e Pe. Pellissier foram marcantes em seu processo formativo.

Da época de seminarista, Pe. Célio se recorda que perto de Mariana havia um grupo de três ou quatro coirmãos com quem pregava missão. "Os padres das casas missionárias pediam ajuda para a gente e atendíamos confissão. A rotina era a seguinte: acordávamos às 4h e fazíamos a oração da manhã. Às 5h tínhamos horários para atender o povo e celebrar missas, durante 3 ou 4 dias. Preguei missões em lugares simples, ermos vilarejos, que hoje são cidades. Andávamos por ali para atender o povo. Atendia confissão, benzina casa. Era muito interessante o trabalho missionário. Em Ouro Preto era muito comum ter filas enormes para confissão sábados e comunhão aos domingos".

Dentre os presbíteros ordenados por Dom Hélder Câmara em 28 de setembro de 1958, estava o então jovem Pe. Célio Dell'Amore. Ele partilhou um episódio que o marcou a respeito >>>



Getúlio



Luiz

Foto: Satcha Leite

do estilo de Dom Hélder. Certa vez, quando esteve reunido com ele alguém o entregara um envelope de dinheiro. Em seguida, ao ser abordado por um pedinte, repassou o envelope. Quem havia lhe dado o pacote não ficou satisfeito e argumentou que lá havia muito dinheiro para um pobre. Dom Hélder então teria respondido: “você não me deu? Então, estou entregando para este outro irmão, que está precisando mais do que eu”, recordou-se.

A respeito do que ainda pretende realizar como lazarista, Pe. Célio resume: “Vou para o Bonfim. Quero ser um bom padre e morrer com a graça de Deus, para ser um bom santo no céu. Pedir a Deus a graça de perseverar na vocação para ajudar aos pobres, aos mais necessitados, mas sem esquecer que somos formadores do clero, então precisamos formar bons padres”. Padre Célio lembra que a Congregação da Missão cuidava de muitas casas de formação sacerdotal no Brasil, mas após o Concílio do Vaticano II essa característica mudou: “o clero foi crescendo, fomos cedendo espaço, e mesmo tendo gente com muita capacidade intelectual e bastante piedosos, fomos reduzindo a nossa presença na formação do clero”, avaliou Pe. Célio.

A formação na universidade francesa Sorbonne foi também um dos pontos marcantes de sua trajetória. Lá frequentou a mesma sala em que estudou Vincenzo Giacobbe Pecci-Prosperi-Buzzi, o papa Leão XXIII, que introduziu as questões de justiça social no âmbito papal, adentrando nos direitos e deveres do capital e do trabalho. Pe. Célio pontuou que na sala de aula que frequentava havia 46 estudantes: “As cadeiras eram arrumadas em círculo, passando a ideia de horizontalidade nas trocas entre estudantes e professores”. Ainda sobre os anos que morou em Paris, acenou para uma memória muito viva, de quando ia a pé da Casa Mãe até a faculdade e das vezes em que colhia nozes do pé, na casa das irmãs.

Pe. Getúlio

Mesmo contraindo Covid-19 durante a pandemia, Pe. Getúlio não perdeu o bom humor: “a Covid só me trouxe a alegria de dormir. Dormi um sono bom! Foi mais do que branda, não tive nenhum sintoma, nem dor de cabeça”. Recostado na arquibancada do pátio da Casa Dom Viçoso em frente ao refeitório, ele afirmou que gosta de se manter atualizado sobre o que ocorre no mundo

e, para tal, prefere notícias preparadas pela imprensa mais alternativa, como a Carta Capital. “Nessa idade, eu acompanho a comunidade. Convivo com a turma e espero a minha hora. Uma pessoa que não tem lucidez aos 90 anos, só misericórdia. O que eu pude fazer eu fiz e trabalhei muito”, orgulha-se o padre.

Para Pe. Getúlio, D. Alice, sua mãe, foi uma inspiração e abençoada lembrança em sua vida. Responsável pela educação dos 14 filhos, sendo 8 homens e 6 mulheres, apesar de não ter tido estudo, tinha a intuição desta necessidade. “Por isso, nos mudamos para Rio Pomba, uma cidade pequena, mas muito cultural. Estudei no colégio Regina Caeli. Dois irmãos meus tornaram-se padres e duas irmãs, Filhas da Caridade”. Ele conta que quando foi coroinha teve o anseio de se tornar padre e Pe. Morais, CM, teria contribuído para que ele, seus irmãos Hélio e Nilson, e o Padre Luiz de Oliveira Campos fossem de Rio Pomba para a Congregação da Missão.

Getúlio estudou em Irati-SP e Petrópolis-RJ. Após sua ordenação, optou por continuar a sua formação, de forma diferenciada: “fui médico depois de ser padre, com 38 anos. Pedi ao Pe. Paulo Salles para fazer medicina, quem me concedeu a licença. “Se for para a missão, o senhor pode fazer o curso”. E justamente o que eu queria era ser missionário e usar os conhecimentos médicos para atuar na missão”. Depois de dar aula para o Ensino Médio, em Diamantina, Pe. Getúlio foi para a França fazer especialização em Filosofia: “Gostei muito, fiquei dois anos. Fui professor de filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora.

“Trabalhei nas missões como médico, virei médico de roça. Aprendi a operar vesícula, hérnia, estômago. Na missão não tinha nem hospital. Mas consegui salvar algumas vidas. Certa vez estava celebrando missa e me chamaram. Tinha uma mulher passando mal, em trabalho de parto. Deixei a missa e fui socorrê-la. Antes de formar-me médico trabalhei durante três anos com obstetrícia. Estourei a bolsa e, em poucos minutos, recebi o bebê em meus braços. Quando deu três minutos e o recém nascido ainda não havia respirado, estiquei o menino, coleí minha boca na dele e comecei a respirar por ele. Naquele momento eu precisava trabalhar como médico. Fiquei satisfeito, pois o menino ficou bonzinho”.

A respeito do trabalho de tradução das cartas, colóquios e documentos de São Vicente de Paulo, do francês para o português brasileiro, ele acabou realizando uma leitura mais atenta das palavras do santo fundador da CM. Na experiência o amor pelos pobres o chamou a atenção, algo aparente em muitos textos, como na correspondência “Jesus nos pobres e os pobres em Jesus”. Pe. Getúlio também se recorda, com carinho, da ocasião em que desejou produzir uma obra editorial, deixando um recado para as gerações futuras. À época, ele pediu permissão ao Pe. Eli Chaves dos Santos, visitador, que prontamente aceitou a proposta e o enviou para o Caraça, por um ano,

quando ficou por conta da produção do livro São Vicente de Paulo, um místico da missão, em que traz experiências missionárias relacionando-as ao carisma vicentino.

Quando questionado sobre a vida comunitária, ele trouxe a citação de São João Berchmans, padre jesuíta belga considerado padroeiro da juventude estudantil: *“Vita Communis Est Mea Maxima Penitentia”*. Deu sua versão em português e explicou: “a vida em comunidade é minha máxima penitência. Enfrentamos situações difíceis no dia a dia e é preciso perdoar, compreender e ser compreendido”.

Pe. Luiz Campos

De família simples, nascido em Rio Pomba-MG, Padre Luiz de Oliveira Campos possuía um núcleo familiar muito voltado para a Igreja, o que contribuiu, segundo o próprio, para a rápida percepção de sua vocação. Sua mãe, zeladora do apostolado da oração, sentia-se muito feliz ao ver o seu filho coroinha ajudando nas missas, desde os 6 anos de idade: “Ela desejou muito ter um filho padre. Esse ambiente familiar me influenciou muito, sobretudo através das orações e dos exemplos de meu pai, de minha mãe e de minha irmã”.

Pe. Luiz cursou o Seminário Menor no Caraça e o noviciado em Filosofia e Teologia, em Petrópolis. “De ambos tenho muito boas recordações e, particularmente, muitas amizades conservadas até hoje, quer entre aqueles que se tornaram sacerdotes, como também daqueles que foram colegas de Seminário e que se tornaram depois leigos muito amigos, com os quais mantenho relacionamento”.

De sua formação, Pe. Luiz guarda especial lembrança de dois sacerdotes: Pe. Francisco Xavier do Amaral Guerra, CM, seu disciplinário no Caraça, desde o primeiro ano até o começo do quinto ano, e de Pe. Benedito de Aguiar Ribeiro, CM. O primeiro era um sacerdote que respeitava profundamente as pessoas, sendo incapaz de falar de forma ríspida, chamando a atenção somente em particular, o que, para a época, representa uma exceção que o faz rezar pela alma do Padre Guerra até hoje no dia do seu aniversário, 3 de dezembro. Pe. Luiz também se recorda, com gratidão, de seu confessor durante todo o Seminário Maior e Noviciado, Pe. Benedito de Aguiar Ribeiro, CM, grande devoto da Medalha Milagrosa e professor abnegado de Sagrada Escritura, de Arte Sacra e de Liturgia: “Não me esqueço nunca que foi ele quem me ensinou, detalhadamente, como celebrar a Santa Missa. Também para o Padre Aguiar celebrou a Missa rezando por ele no seu aniversário natalício, dia 9 de novembro”.

Pe. Luiz declara que a atividade com a qual mais se identificou na Congregação foi a formativa, mas outros ofícios também o trouxeram muitas graças e alegrias: “eu me identifico muito com a formação do clero, pois passei vários anos, desde o

começo de meu sacerdócio, lecionando e sendo disciplinário nos Seminários Maiores de Fortaleza-CE, de Mariana-MG e nos Seminários Menores de Brasília-DF e de Assis-SP. Também me identifico com as paróquias, pois fui muito feliz como pároco em diversas cidades, quer de Minas, quer de São Paulo. Mas não posso esquecer de citar a maior graça que recebi como padre vicentino que foram os seis anos passados em Recife como Diretor Espiritual das Filhas da Caridade”.

A experiência internacional também marcou significativamente a biografia do Pe. Luiz: “quando tive a oportunidade de participar da Sessão Vicentina das Filhas da Caridade em Paris, como Diretor Espiritual, em março de 1986, foi quando pude aprofundar bastante a vida dos nossos fundadores, São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac. Também como pároco, em Bambuí-MG e em Moinho Velho do Ipiranga-SP, quando tive a oportunidade de trabalhar bastante com os vicentinos. Não posso, no entanto esquecer da quantidade de retiros que orientei espiritualmente para as Filhas da Caridade das Províncias de Fortaleza, Recife, Curitiba e Belo Horizonte”.

Mesmo com um sem número de reminiscências positivas, Pe. Luiz não deixa de observar um aspecto que, a seu ver, precisa melhorar na PBCM: “uma das recomendações mais repetidas de São Vicente para todos nós é justamente com relação à vida comunitária. Que não é um apêndice, mas é essencial à nossa Vocação. Infelizmente, lamentavelmente, essa vida comunitária está degringolando cada vez mais. Não vivemos como queria São Vicente à maneira de amigos que se querem bem. No momento, na altura de meus 90 anos o que mais me falta é a vida comunitária, pois no momento a gente passa mais tempo dormindo e no quarto usando celular e internet do que com os Coirmãos que formam a equipe comunitária daquela casa”.

Ao final, declara a sua felicidade em preparar os quatro seminaristas que pronunciaram seus votos no dia 6 de novembro de 2021: “creio que passei para eles aquilo que eles devem viver para serem fiéis ao carisma de serviço dos pobres. Sinto-me profundamente agradecido a Deus, a Nossa Senhora das Graças e a São Vicente por ter me preservado até esta idade podendo exercer o Ministério Sacerdotal na medida dos limites da minha idade. Sinto-me muito feliz por poder estar em contato com os nossos seminaristas do Propedêutico e da Teologia, porque é aí que eu encontro uma compensação da vida comunitária que muitas vezes não existe na comunidade”. ■

Ir. Cléber Teodósio, CM

Culminâncias nos cursos de filosofia e teologia

Seis estudantes da PBCM apresentam seus trabalhos de conclusão de curso

Fim de ano é tempo de conclusão de ciclos e começo de novos. É nesta dinâmica que seis estudantes da PBCM concluem, neste 2021, seus cursos acadêmicos e em 2022 abraçam uma nova jornada missionária.

Na área filosófica temos **Mário Gonche** que bacharelou-se e licenciou-se em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino. Em sua monografia, discorreu sobre “o pensamento sistêmico: pressupostos filosóficos para uma práxis ecológica” de Fritjof Capra e Adolfo Sanchez Vazquez, orientado pelo Prof. Paulo Sérgio Araújo. Motivou-lhe esta pesquisa, inicialmente sua mãe, Lúcia Helena, que em toda a sua vida fora uma mulher totalmente prática e sistêmica, em seus trabalhos de caridade em Resende, RJ, onde atuou por quase 20 anos na SSVP; bem como as aulas no Propedêutico, quando Pe. Raimundo João, CM apresentou-lhe a obra de Fritjof Capra, e por último, a leitura da encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, que o levou a enxergar o mundo, não de forma dominante, mas irmanada e colaborativa. Em seu texto afirma Mário: “levarei para a vida a certeza de que já não podemos nos relacionar com o nosso planeta como uma engenhosa máquina, mas como um complexo sistema vivo de múltiplas relações, em que todos nos encontramos interligados, cabendo a cada um de nós realizar pequenas ações de práxis ecológicas no dia a dia e, assim, também ensinar e conscientizar a população sobre todas essas disposições”.

Já na teologia, cinco são os concludentes, que colaram grau como bacharéis na Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia. Todos receberão diplomas civis e eclesiais.

Ir. Allan Ferreira, CM, em seu trabalho monográfico, desenvolveu o tema: “A homilia na práxis eclesial: comunicação da vida”, sem um autor específico. Motivou-lhe a pesquisa a percepção de que, com a ajuda das redes sociais e a partir da realidade pandêmica, a homilia ganhou um grande destaque e passou de um momento irrelevante e cansativo para muitos, a um momento de revitalização da esperança de dias melhores. As homilias, por vezes, se transformaram em espetáculos midiáticos, que visavam apenas a autopromoção do presidente da celebração ou ainda, uma fuga momentânea da realidade cau-

sada pelo tom, profundamente intimista e emocional. Ir. Allan conclui sua pesquisa afirmando: “A homilia é muito mais que alguns minutos de repetição dos textos que foram lidos na liturgia, é uma rica oportunidade de encontro com o Cristo que se faz Palavra de Salvação através da comunicação do homiliasta com a assembleia litúrgica, seja nos sacramentos ou sacramentais”.

Além da monografia, os teólogos também têm o desafio do Exame Compreensivo (*De Universa*) - importante momento de síntese, onde é oportunizado ao aluno, revisitar as principais teses estudadas ao longo da Teologia. Na banca do Ir. Allan estavam presentes os professores: Jaldemir Vitório, SJ; Francisco das Chagas, SJ e Francisco Taborda, SJ, que lhe perguntaram teses de Eclesiologia, Teologia Fundamental e Sacramento da Eucaristia. Ir. Allan sintetiza sua partilha afirmando: “O que levo de mais importante para a minha vida é a riqueza dos conteúdos estudados, especialmente o estudo das Sagradas Escrituras e os grandes temas do magistério do Papa Francisco. Também foram de grande proveito a Cristologia, o conhecimento de Jesus de Nazaré e a sua missão, e o estudo da teologia dos Sacramentos. Tudo isto em vista da aplicação na pastoral, especialmente na missão com os mais pobres”.

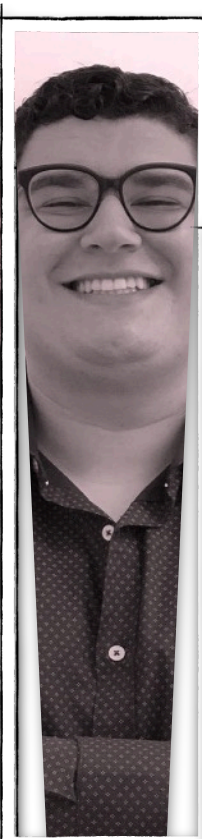
O Ir. Michel Araújo, CM pesquisou sobre o tema “Eucaristia: ícone da unidade” e teve como orientador o Prof. Washington Paranhos, SJ. Como o Ir. Allan, não se deteve num autor específico. Motivou-lhe na escolha do tema, o gosto pelas disciplinas que pôde abordar no trabalho: sacramentos, eclesiologia e teologia moral. Ir. Michel esclarece: “Através desse sacramento os comungantes entram em comunhão uns com os outros e com a Trindade, modelo perfeito de comunhão e unidade. Os cristãos, irmanados pelo batismo, entram em unidade pela eucaristia, ela faz a Igreja e por ela a Igreja é interpelada a continuar a missão de Jesus de Cristo até o tempo presente, que o realizam no Espírito. Esse sacramento, portanto, impulsiona os convivas a nutrirem-se do Cristo e os compromete com a promoção dos desvalidos, sendo assim, a eucaristia transforma o comungante num continuador da missão de Cristo, realizando-o no Espírito. Uma vida eucarística, por excelência, denuncia as contra-



Allan



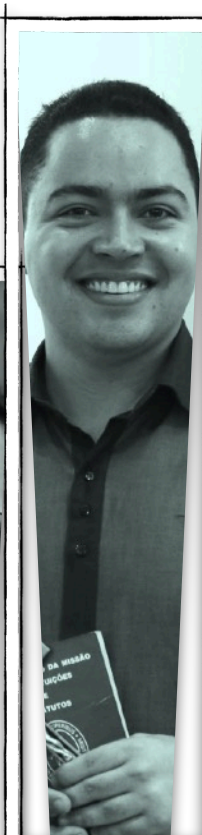
Cléber



Mário



Ramon



Michel



Tulio

dições e contravalores presentes na sociedade”.

Em sua banca estiveram presentes os padres jesuítas: Johan Konings, SJ, César Alves, SJ e Moisés Ponte, SJ, que perguntaram, respectivamente, as seguintes teses: Gênese e desenvolvimento da nomeação trinitária de Deus, a revelação no magistério da Igreja e o significado do evento Cristo para a experiência moral. Ir. Michel, como os demais, relata que conclui a formação inicial com o coração cheio de gratidão, a Deus, à PBCM e a todos que colaboraram com nossa formação. Ele acredita que a teologia o ajudou a perceber, ainda mais, a riqueza de nosso Carisma e sua profundidade no âmbito social e eclesial, de modo que procurará levar essa verdade para a vida, tendo os pobres como lugar teológico, mestres a quem se deve escutar, i.e., aprender com eles e, também, buscar apresentar-lhes uma fé encarnada, um Deus que se compadece com suas dores querendo sempre os integrar e promover.

Ramon Aurélio, CM discorreu sobre “O Discipulado do Jesus acolhedor: pensar uma pastoral hospitaleira em diálogo com Tolentino Mendonça”, cujo orientador, o Prof. Francys Silvestrini Adão, SJ. Sua motivação a estu-

dar esse tema, parte da análise pessoal que faz a partir da realidade pastoral, eclesial e social dos dias de hoje; sobre a qual Ramon pontua: “Acredito que cada vez mais se faz necessário construirmos uma Igreja da hospitalidade. Em tempos de isolamento social, diante dos interesses do mundo hodierno, que está marcado pela razão individualista do sujeito, de amostras de fechamento e pela construção de muros ao invés de pontes, a hospitalidade tornou-se escassa. No sentido pastoral, a não acolhida do outro gera em primeiro momento um atrito entre os membros da comunidade. Neste sentido, necessitamos modelarmos em uma eclesiologia que tem preferência pelos pobres, pois nunca se fez tão necessário uma reflexão teológica, como a desenvolvida por Tolentino Mendonça, que ajuda a propor um itinerário próximo, humano e hospitaleiro, capaz de nutrir e inspirar a missão pastoral da Igreja”.

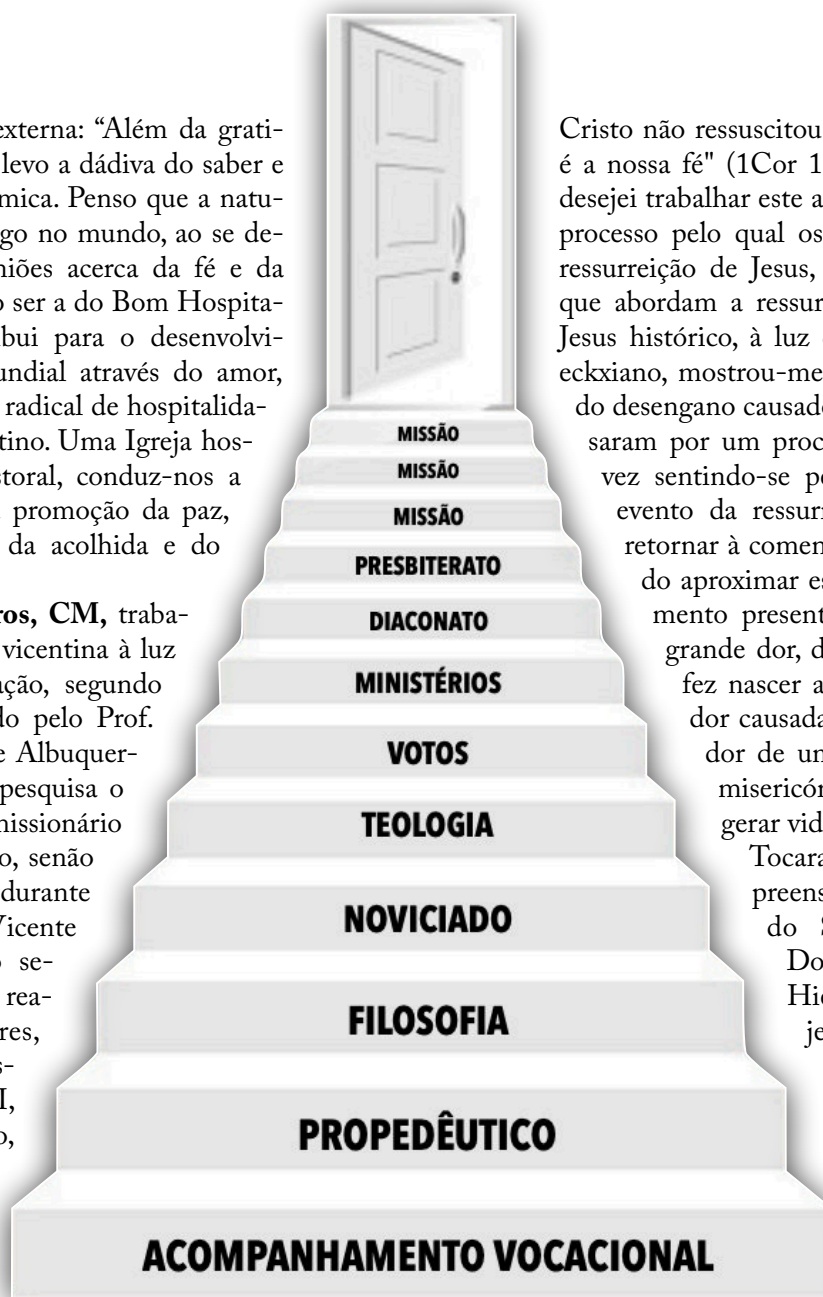
Na banca de seu exame compreensivo estiveram os professores Washington Paranhos, SJ, Rivaldave Torquato, OCarm e Élio Gasda, SJ, que inquiriram sobre o Sacramento da Eucaristia, Teologia Fundamental e Ética Teológica Fundamental, respectivamente. Sobre o que>>>

leva para vida, Ramon externa: “Além da gratidão à Faculdade Jesuíta, levo a dívida do saber e o incentivo à vida acadêmica. Penso que a natureza e a missão do teólogo no mundo, ao se deparar com diversas opiniões acerca da fé e da missão da Igreja, deverão ser a do Bom Hospitaleiro, aquele que contribui para o desenvolvimento de um ethos mundial através do amor, pois esta ‘é a forma mais radical de hospitalidade’, como assinala Tolentino. Uma Igreja hospitaleira, através da pastoral, conduz-nos a uma reflexão que visa a promoção da paz, da justiça, da amizade, da acolhida e do cuidado com a criação”.

O **Ir. Túlio Medeiros, CM**, trabalhou o tema: “A missão vicentina à luz da Teologia da Libertação, segundo José Comblin”, orientado pelo Prof. Francisco das Chagas de Albuquerque, SJ. Motivou-lhe à pesquisa o fato de que o espaço missionário do vicentino não é outro, senão o dos pobres. “Não há, durante a vida do Fundador (Vicente de Paulo), uma missão sequer que não tenha sido realizada junto aos pobres, nosso ‘bem próprio’, nossa ‘partilha’” (GROSSI, 2016, p. 62). Portanto, podemos subentender a relevância que a Teologia da Libertação tem sobre a identidade missionária vicentina, uma vez que ambas priorizam o olhar e o serviço aos pobres e os problemas sociais, que afetam sobretudo os mais necessitados.

Os professores que o avaliaram no exame compreensivo foram: Francisco Albuquerque, SJ, Francys Adão, SJ e Jaldemir Vitória, SJ, perguntando teses afins a seu trabalho monográfico: *Eclesiologia*, *Doutrina Social da Igreja* e a *renovação da Teologia Fundamental* a partir do Concílio Vaticano II, “isso colaborou muito para o meu êxito nessa prova”, reconhece Ir. Túlio, e segue: “o fato dos temas convergirem me fez crer, ainda mais, que posso colaborar na missão, tendo um olhar vicentino que promova uma pastoral libertadora. Termina a Teologia com um sentimento enorme de gratidão a Deus, a PBCM e a todas as pessoas que colaboraram nesse processo”.

Eu pesquisei na área da sistemática cristológica, cujo título de meu trabalho monográfico: “A ressurreição de Jesus na ótica dos discípulos, a partir de Edward Schillebeeckx”, orientado pela Prof.^a Aparecida Vasconcelos. A ressurreição de Jesus é o evento central da fé cristã. “Se



Cristo não ressuscitou [...] sem sentido também é a nossa fé” (1Cor 15,14), é a razão pela qual desejei trabalhar este assunto. A pesquisa sobre o processo pelo qual os discípulos conceberam a ressurreição de Jesus, investigando as correntes que abordam a ressurreição nas três buscas do Jesus histórico, à luz do pensamento schillebeeckxiano, mostrou-me que os discípulos, diante do desengano causado pela morte de Jesus, passaram por um processo de conversão e, uma vez sentindo-se perdoados, enxergaram, no evento da ressurreição, um caminho para retornar à comensalidade de Jesus. Tentando aproximar essa mensagem para o momento presente, acredito que, como da grande dor, da morte de Jesus na cruz, fez nascer a alegria da ressurreição; a dor causada pela Covid-19, é como a dor de um parto, que por meio da misericórdia entre os irmãos, faz gerar vida nova.

Tocaram-me, no exame compreensivo, teses sobre a Teologia do Sacramento da Ordem, Doutrina Social da Igreja e Hierarquia Eclesial, com os jesuítas Washington Paranhos, SJ, Élio Gasda, SJ e Johan Konings, SJ, respectivamente. Sintetizar o curso em uma frase, não é tarefa fácil, porém acredito que todo o estudado ajudou-me a ser cada dia melhor no seguimento

de Cristo, evangelizador dos pobres.

Na aurora de 2022, novos desafios aguardam esses seis missionários. Mário Gonche após um sério discernimento, pediu um tempo à Congregação e está junto a sua família. Ainda em 02/12/2021, os cinco estudantes de teologia fizeram os ministérios de leitor e acólito: Ramon Aurélio, CM continua na missão a partir da comunidade do Santuário do Caraça, desde onde continua sua pós-graduação em Juventudes, pela FAJE; os demais, com votos emitidos em 06/11/2021, também receberam suas primeiras colocações: Ir. Allan Ferreira, CM e Ir. Michel Araújo, CM continuam a pós-graduação em Formação do Clero pelo ISTA, o primeiro colaborará com a ‘formação dos nossos’ e passa a viver no Instituto São Vicente de Paulo (BH-MG), o outro, está destinado à Paróquia Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, em Brasília. Já o Ir. Túlio Medeiros, CM, servirá na Casa Central do Rio de Janeiro e eu tenho a graça de seguir auxiliando na Paróquia Pai Misericordioso, em Belo Horizonte. Continuemos nos ajudando e rezando uns pelos outros. ■

Pe. Denílson Matias, CM

Nossa vocação é para a comunhão

Para nós, que trabalhamos na animação vocacional, 2021 foi um ano bom. No decorrer dele pudemos acompanhar jovens vocacionalmente inquietos. A pandemia da Covid-19 continuou sendo um obstáculo no acompanhamento vocacional, contudo, este foi um fator que não nos desanimou.

Deus continua chamando. Como membros da pequena companhia, fundada por São Vicente de Paulo, somos chamados a este maravilhoso serviço da animação vocacional. Pensar a continuidade do nosso carisma, no coração da Igreja, requer que sejamos homens de esperança. Homens sonhadores, continuamente sonhando com um mundo melhor, com uma Igreja que transforme lugares de morte em ambientes de vida, vida plena para todos, a partir de Jesus Cristo, que evangeliza os pobres e que cura os corações feridos.

A questão vocacional não pode ser vista por nós somente como uma questão de propaganda. Perpassando toda a nossa atividade pastoral, vocacionalizar é estar por inteiro na dinâmica de um primeiro amor que não só nos seduz, mas que provoca em nós um desejo de partilhar. Por isto, faz-se necessário recordar sempre o primeiro olhar amoroso do Senhor que, passando perto de nós, chama-nos a segui-lo deixando tudo, para nos entregarmos a uma vida de peregrinos que vão e vem, num trânsito sem fim, em meio às periferias físicas e existenciais do nosso mundo.

A vocação bem vivida é sinônimo de contágio. Ela contagia as pessoas que se encontram com aqueles que manifestam a alegria do chamamento, desta realidade de constante atualização de um sim amoroso ao Deus que não se cansa de nos interpelar, de nos chamar pelo nome. A vocação bem vivida é sinônimo de paixão, paixão pela vida, paixão pelo Reino, paixão pela caminhada peregrina

que se dá nas feridas abertas do nosso chão. A vocação bem vivida é deixar-se tornar bálsamo nas mãos de Deus para curar as feridas do próximo, fazendo-nos cada vez mais samaritanos.

Se não assumirmos na nossa história limitada, nas nossas personalidades controversas, o propósito vocacional que Deus tem para nós, não passaremos de executivos cumpridores de determinadas tarefas; não seremos sal e tampouco luz. Deus nos chama para que sejamos chamadores. Deus nos convoca a partir da nossa fragmentação pessoal e institucional para que sejamos e façamos a diferença. Foi assim com os seus primeiros discípulos e discípulas; homens e mulheres que, daquilo que eram, fizeram-se melhores como continuadores e continuadoras do caminho, da verdade e da vida.

Como Serviço de Animação Vocacional Vicentino temos uma grande história a contar. E é esta narrativa, sobre homens testemunhalmente corajosos, que continuará a atrair jovens para o cumprimento desta missão tão cara do serviço aos pobres, da formação do clero e dos leigos, nas realidades onde estamos presentes. Por isto, queremos semear agora as sementes da vocação vicentina, para que, mais tarde, Deus nos presenteie com uma primavera vocacional. Fizemos, nesse advento, o tempo do testemunho, o tempo da presença entre os mais sofridos, o tempo do nascimento de Jesus em nós, para que a nossa vida seja ponto de atração.

Que a vinda do Emanuel possa de fato significar o acordar, em nós, da esperança vicentina e atraia a vinda de discípulos encantados pela Sua presença, que nos convoca ao discipulado e a uma missão de entrega e de amor no meio daqueles e daquelas que são preteridos pela sociedade. Desejamos a todos um ano novo cheio das bênçãos de Deus! ■

Encontro Vocacional, em Belo Horizonte, novembro de 2021

Foto: enviada por Denílson Matias



Ir. Túlio Medeiros, CM

Santas Missões Populares Vicentinas

Levando a Boa Nova do Reino aos mais pobres

Quando falamos de missão imaginamos imediatamente aqueles homens e aquelas mulheres que deixaram tudo - pai, mãe, irmãos, trabalho, amigos - para ir a outro local propagar a Boa Nova do Reino de Deus às criaturas. De fato, esse foi o mandato de Cristo a seus discípulos, conforme nos relata o evangelista Mateus (Mt 28,19-20). E esse mandato ecoa até hoje em nossa Igreja (Evangelii Gaudium 20).

Dentro do grande arcabouço da Missão Cristã, anunciada e promulgada por Jesus Cristo, temos as Missões Populares, uma forma da Igreja Católica Apostólica Romana animar, resgatar e motivar as pessoas a viver intensamente a mensagem do Evangelho. “As Missões Populares trazem em si a profunda experiência com Deus, num encontro pessoal, ainda que no meio de muitos irmãos e irmãs, com o desejo de ascender o ardor missionário evangelizador. Tornam-se um instrumento que guia os passos da Missão para um fim maior, prestando um serviço direto à Igreja, que precisa dar testemunho e anunciar o Evangelho de Cristo, ‘Caminho, Verdade e Vida’ (Jo 14,6)” (Guia de Missões da SSVP, p. 12, 2021).

Já as Santas Missões Populares Vicentinas (SMPV) têm seu campo específico de realização e eficácia, pois está direcionada para o serviço de evangelização e promoção dos mais pobres. Tradicionalmente, os membros da Família Vicentina atuam nesse trabalho missionário, família que, no Brasil, conta com nove ramos. A esta ação concreta da Igreja, denominamos **Santas**, porque são um tempo de graça, um tempo favorável, um tempo especial de salvação (2 Cor 6,2); **Missões**, porque é tempo de “saída,” de ser enviado, continuando a mesma missão de Jesus (Lc 4,14-21); **Populares**, porque acontecem de maneira simples, inculturada e comprometida com o povo, do povo e para o povo (Jo 13,34), e **Vicentinas**, porque a todos é anunciado, por Missionário(a)s Vicentino(a)s, Jesus Cristo evangelizador e servidor dos pobres (Lc 4,18).

Em síntese, as SMPV são um tempo forte de vivência eclesial, quando Deus mesmo visita seu povo, por meio da ação criativa e cheia do Espírito Santo, de equipes missionárias, compostas por leigos, leigas, religiosos, religiosas, padres e seminaristas, enviados pela Família Vicentina, e equipes previamente organizadas pela paróquia que recebe a ação missionária, os missionários locais, que juntos visitam os paroquianos, casa por casa, geralmente indo de dois em dois (Mc 6,7), partilhando com eles, a Palavra de Deus, a alegria do seguimento de Jesus e o compromisso de ser uma Igreja, viva, ativa e acolhedora.

Para confirmar o acima narrado, três missionárias testemunham sobre o que significou a experiência das SMPV para cada uma delas, a saber: Rafilda Fernandes Costa (MG), que já participou de 26 edições das SMPV, Miriam dos Santos Marconato (PR), participante de quatro missões, e Selene Maria Martins dos Santos (MG), que esteve em 17 missões.

1. Qual o maior desafio que você já teve que lidar durante as SMPV?

Rafilda: O maior desafio que já enfrentei foi a Missão feita na Zona Rural de Serra Azul de Minas, onde tivemos de lidar com muita chuva e a distância entre as comunidades, o que nos obrigava a usar cavalos como meio de transporte.

Miriam: Sair de mim! Esse é e continua sendo meu grande desafio. “Olhar menos para o espelho e passar a olhar mais para a janela!” Deixar de olhar tanto para os meus medos, limitações, rejeições e não compreensões. E um outro desafio foi o de perceber-me impotente diante de determinadas situações de extrema pobreza e abandono.

Selene: A pobreza de uma família em Barrinha, na região de Carinhanha-BA: além de não ter o que comer, dormiam no chão, em cima de lençol.

2. Descreva o momento de maior alegria que já viveu durante as SMPV.

Rafilda: Todas me trouxeram muitas alegrias! Contudo, a Missão realizada na Zona Rural do Rio Vermelho foi muito especial e gratificante, pois fomos os primeiros missionários a levar a Palavra de Deus para aquela comunidade, deixando-os emocionados e felizes por terem a oportunidade de receber o anúncio do Evangelho.

Miriam: Encontrar Jesus na história de vida do outro, ser escuta de suas dores e alegrias, sentir que sou portadora, mas também recebedora do amor e da paz de Jesus durante as visitas de casa em casa. Sentir que a presença missionária é alento; traz alegria e revigoração, principalmente junto aos mais pobres e nas comunidades visitadas. Carrego comigo a sensação de paz e bem-estar que senti em vários momentos durante as visitas e isso me faz bem.



Selene, Rafilda e Miriam em diversos momentos de missões

Selene: No acolhimento das pessoas nas visitas: a simplicidade, a gratuidade, o amor com que eles acolhem um missionário.

3. O que diria a nossos leitores para que novos missionários abracem a causa das SMPV?

Rafilda: Convido todos a conhecerem e participarem das Missões Populares Vicentinas, para que possam sentir a satisfação e a alegria de partilhar o amor de Deus, por meio de sua Palavra, aos irmãos que d'Ela necessitam!

Miriam: Faço minhas as palavras da canção “Vem, vamos nos vestir de Vicente, porque lá fora, nossa gente vive a incerteza do amanhã!” (Só com amor – Zequinha). Vestir-se de São Vicente é “revestir-se de Jesus Cristo”. Permita-se viver e se encantar com a experiência missionária que as SMPV nos propiciam. As SMPV nos oportunizam ser presença junto ao outro mais fragilizado, mas também preenchem lacunas em nós. O encontro com o outro que compartilha conosco a missão nos enriquece a partir da beleza de sua diversidade. As SMPV me possibilitaram um novo olhar quanto ao outro: na aceitação das suas e das minhas fraquezas e fragilidades, sem preconceito ou julgamento. Um novo olhar e um ressignificar do meu sentido de vida.

Selene: A missão é: crescimento, amadurecimento, sair ao encontro dos mais necessitados. Doar o seu melhor

em favor do seu irmão. Fazer o bem levando a Palavra de Deus, isso não tem preço.

De fato, é-nos sabido, que desde as primeiras comunidades, as “Sementes do Reino” são lançadas pelo Espírito Santo e por cada missionário que parte em missão. Evangelizar é a vocação da Igreja, logo é também nossa, que somos Igreja em caminho. A messe é grande e ainda há muito a ser feito, ou seja, a missão continua e é extremamente necessário que cada batizado encontre-se com Jesus e dê testemunho alegre de seu Evangelho. Enquanto a pandemia não nos permite retornar com as SMPV de forma presencial, não deixemos que esse ardor missionário seja esquecido. Cabe a cada um e cada uma de nós viver e testemunhar que “o tempo já se cumpriu, e o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15a).

Assim, propomos o seguinte desafio: cada missionário é convidado a montar um altarzinho em sua casa, na semana de 23 a 29 de janeiro de 2022 (dia 25/1, celebramos a conversão de São Paulo, Apóstolo, e a Origem do Carisma Vicentino) e fazer, ali mesmo, uma celebração a modelo das realizadas nas SMPV, com escuta dos membros da família, leitura e partilha da Palavra de Deus, oração de bênção e aspersão da casa. Tire fotos desse momento singular e compartilhe nas redes com a hashtag **Santas Missões Populares Vicentinas (#SMPV)**. Esperamos a sua adesão. Obrigado e até breve!



<https://linktr.ee/lazaristasbrasil>

Seminário Interno

Em Belo Horizonte, reinicia suas atividades no dia 15 de janeiro, com a previsão de 5 seminaristas (2 de Curitiba, 1 de Fortaleza, 1 da Argentina e 1 do Chile) e sob a direção do Pe. Francisco, juntamente com o Pe. Pedro Gotardo (da PFCM). Rezemos pelo êxito desta importante atividade formativa!

Novas missões

Rezemos a Deus, pedindo suas bênçãos e luzes para todos nós e para os nossos trabalhos neste novo ano, em especial para os coirmãos que estão sendo transferidos ou iniciando seus trabalhos em novo local e comunidade, tais como: Pe. Denílson e Ir. Allan (Trevó); Pe. Paulo César: (Itapuã do Oeste); Pe. Francisco (Seminário Interno); Pe. Geraldo Mól (Mariana); Ir. Cléber (Paulo VI); Ir. Michel (Riacho Fundo II); Ir. Túlio: (Casa Central); Ramon (Caraça).



Simpósio de Comunicadores

Está agendado para os dias 3, 4 e 5 de junho de 2022, no Instituto São Vicente de Paulo, em Belo Horizonte, o II Simpósio Provincial de Comunicadores Vicentinos. Na primeira edição, realizada em 2019, foi feito um mapeamento de atividades e veículos já criados e em funcionamento, com o objetivo de conhecimento e ajuda mútua, além da apresentação de assessores atuantes na área editorial e de comunicação para Igrejas. Em breve, mais detalhes sobre inscrições e programação.

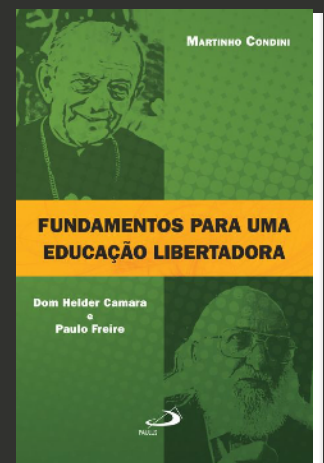


Dica de Livro: Fundamentos para uma educação libertadora - Dom Hélder Câmara e Paulo Freire

Autor: Martinho Conдини

Editora: Paulus

Este livro apresenta Dom Hélder Câmara como educador, a partir do seu trabalho político-educacional à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife (1964-1985), período este que coincide com a ditadura militar no Brasil. Apontar a relação Hélder-Freire é relevante para a educação, pois ambos tiveram uma trajetória semelhante em diferentes setores: a construção de uma Igreja libertadora e a construção de uma educação libertadora. Historicamente, há uma desvalorização e desconsideração com a educação no Brasil. Por isso, a apresentação, neste livro, de Dom Helder como educador e do seu trabalho político-educacional como uma proposta educacional libertadora solidária corrobora e é corroborada pela pedagogia freireana. (sinopse da editora)



DICA DE FILME: NOMADLAND

Direção: Chloé Zhao

Lançamento: 2020

Disponível no Telecine

Assistindo à "Nomadland", viajando por suas estradas, passando por suas paisagens e no encontro com suas personagens em chegadas e partidas, ficamos pensando no contraste de estar há mais de um ano "presos" em nossas casas devido à pandemia da Covid-19. Nossa percepção de tempo e a relação com o espaço estão sendo afetadas pelas restrições de mobilidade e isolamento, de maneiras que ainda nem sabemos explicar completamente, apenas vamos vivendo. Ainda que em sofrimentos diversos, seja pela falta de contato social, enfrentamento da doença, pelo luto, perda de emprego, saúde mental fragilizada, entre outros processos individuais e coletivos, estamos tentando seguir em frente. Mas nesse movimento, de ir adiante, não há contraste algum com o filme. Muito pelo contrário, há uma profunda identificação.

Seguir em frente, mas sem perder de vista o que está ao nosso redor, de onde viemos e do que somos feitos, talvez seja a essência da narrativa que a atriz Frances McDormand e a diretora e roteirista Chloé Zhao nos apresentam. O filme é baseado em um livro-reportagem da jornalista Jessica Bruder, publicado nos Estados Unidos em 2017. McDormand se apaixonou pela obra, logo comprou os direitos de adaptação e mais tarde convidou a sino-americana Zhao para a realização do projeto, que além de dirigir e escrever, também é produtora e assina a montagem.

"Nomadland" provoca-nos frontalmente, em especial pela presença de McDormand como a protagonista, Fern, em meio à comunidade de nômades reais e uma câmera que parece se amalgamar a essa dinâmica, de tão intimista.

Fern é nossa guia, enquanto ela mesma está em plena mudança. O que torna a caminhada imprevisível e, ao mesmo tempo, reflexiva. É através de sua jornada (entre as dificuldades que ela enfrenta como vítima do colapso econômico dos Estados Unidos de 2008, o falecimento do marido e a adoção de um modo de vida alternativo: "o nomadismo") que nos é descortinada uma realidade pouco conhecida e retratada (pelo menos cinematograficamente) das terras estadunidenses: As histórias de pessoas, em sua maioria idosas, que o país abandona ou maltrata, pela sua lógica capitalista selvagem. Em "Nomadland", seguir em frente não é uma questão que envolve apenas escolhas pessoais. O filme discute a multifatorialidade do que nos move. E o velho instinto da sobrevivência em sua face moderna. Os nômades não são apenas indivíduos que não se fixam e carregam seus lares em seus corações (como bem diz a letra da canção de Samuel Rosa e Chico Amaral, que abre este texto). Há, sim, a poesia da liberdade de uma casa sobre rodas, a beleza do contato com a natureza, das cores do céu na hora mágica e das linhas de horizonte que o olhar pode percorrer sem obstáculos, a riqueza dos encontros e da comunidade, a autonomia construída pela solidariedade, e mais tempo para si. Mas os nômades também respondem a uma sociedade adoecida, onde predomina a precarização do trabalho, a negligência do Estado, o consumismo desenfreado, o crime ambiental: Retrato do verdadeiro capitalismo contemporâneo. No contexto geográfico e social da obra, o fracasso do tal sonho americano. Eles carregam dores, cansaço, desilusão. Sem romantismos,

sem agredir e sem simplificações, o retrato dessa vida alternativa em "Nomadland" nos convida a pensar sobre contrastes e desigualdades como uma forma de nos sensibilizarmos por uma maior e melhor integração humana, que considere, inclusive, o conceito de casa como tudo que nos cerca.

O adiante, não podemos esquecer, também envolve a circularidade da vida. Não à toa o filme começa e termina em um mesmo ponto: o depósito de objetos pessoais de Fern. Afinal, tudo converge na noção de identidade, o diferencial de cada perspectiva. Além disso, percebe-se que, em complemento às imagens de estrada à frente, há imagens onde a câmera abraça um olhar circular diante do deserto e das montanhas. Ou mesmo o olhar da própria paisagem se integra ao nosso. Como na cena em que vemos através de um furo de uma pedra. E ainda, a forma como Zhao filma as pessoas, de uma maneira afetuosa e atenciosa às suas expressões e histórias. Cada trajetória, em particular, é valorizada. Seja contada, meio sem jeito, num canto de um estacionamento, ou ao pé de uma fogueira, cujas faíscas encantam antes de se dissiparem no ar. Não são seres à deriva. Embora transitórios na vida de Fern (e na nossa), deixam suas marcas. Há momentos, no filme, de metáforas em que percebemos discussões específicas sendo trazidas ao primeiro plano de maneira fluida e natural. Por exemplo, quando aparecem aqueles que veem Fern sob estereótipos, como uma pessoa necessitada, que precisa de caridade. Oferecem assistencialismo, mas não oportunidades de trabalho e escuta sincera. Também chama a atenção a maneira como Fern se divide entre a dimensão das atividades industriais, em seus empregos temporários, e a dimensão das atividades artesanais, nos consertos de sua van (chamada por ela de "vanguarda"), nas máscaras faciais caseiras e no preparo de um café. Essas diferenças são demarcadas esteticamente; a fotografia e os enquadramentos ressaltam bem a atmosfera e o sentimento de cada um desses momentos e espaços.

E como não poderia deixar de ser, o trabalho de atuação de McDormand é sublime. Vem dela, principalmente, o nosso envolvimento com a solidão da personagem ou com seus momentos de partilha. Sua sensibilidade e entrega nos fazem estar lado a lado com Fern nas interações com outras mulheres nômades, numa rede de apoio mútuo; deixam-nos preocupados com seus problemas pelo caminho; e nos emocionam com o afeto de sua irmã. Cada momento é verdadeiramente precioso para a experiência consciente da permanência.

Utilizando-se, refinadamente, tanto das potencialidades do mostrar quanto do dizer, "Nomadland" é um filme que capta o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, transitando de maneira confortável entre dualidades, sem a intenção de entregar respostas ou definições para o mundo. Proporciona, assim, um cinema de reflexão crítica ao mesmo tempo que nos faz viajar por belas imagens e histórias afetivas, inclusive nas experiências da vida de cada um de nós! ■

Pe. Alexandre Nahass Franco, CM



"Cada um de nós é, sob uma perspectiva cósmica, precioso. Se um humano discorda de você, deixe-o viver. Em cem bilhões de galáxias, você não vai achar outro como ele."

- Carl Sagan

